



ANO 6 - NÚMERO 74 - DEZEMBRO 2020

# xapuri

**SOCIOAMBIENTAL**

R\$15

## CHICO MENDES: UM LEGADO AMEAÇADO

p. 08

### **ECOLOGIA**

Fogo no Cerrado e queimadas onde o Cerrado não mais existe

p. 22

### **MEIO AMBIENTE**

Lições do pau-brasil: os crimes ambientais

p. 38

### **UNIVERSO FEMININO**

De Lilith e louca, toda mulher tem um pouco

p. 48

# AUXÍLIO EMERGENCIAL

**A CAIXA É DE EXTREMA  
IMPORTÂNCIA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DO  
BRASIL, POR ISSO DEVEMOS  
MANTÊ-LA SOCIAL  
E 100% PÚBLICA!**

**SEUS EMPREGADOS,  
ESSENCIAIS DURANTE A  
PANDEMIA, REALIZARAM O  
PAGAMENTO DE MAIS DE  
R\$ 400 MILHÕES DE  
AUXÍLIOS EMERGENCIAIS  
BENEFICIANDO MAIS DE 67  
MILHÕES DE CIDADÃOS  
BRASILEIROS**

Auxílio  
Emerg



**#MEXEUEU  
COM A  
CAIXA  
MEXEUEU  
COM O  
BRASIL**

io  
gencial

**CAIXA**



“ Os seringueiros, os índios, os ribeirinhos há mais de 100 anos ocupam a floresta. Nunca ameaçaram. Quema ameaça os projetos agropecuários, os grandes madeireiros e as hidrelétricas com suas inundações criminosas ”

Chico Mendes

## COLABORADORES/AS - DEZEMBRO

Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Angela Mendes – Ambientalista. Emir Sader – Sociólogo. Emir Bocchino – Designer Gráfico. Geremias Ferreira Gontijo – Pecuárista. Iêda Leal – Professora. Iêda Vilas-Boas – Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. José Ribamar Bessa Freire – Professor. Leonardo Boff – Ecoteólogo. Lúcia Resende – Professora. Marcelo Gentil – Historiador. Nara Vilas Boas Bueno Marques e Lopes – Escritora. Pedro Tierra – Poeta. Reinaldo Filho Vilas Bôas Bueno – Escritor. Thiago de Mello – Poeta. Zezé Weiss – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

Jaime Sautchuk – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista. Agamenon Torres Viana – Sindicalista. Ailton Krenak – Escritor. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Ana Paula Sabino – Jornalista. Andrea Matos – Sindicalista. Ângela Mendes – Ambientalista. Antenor Pinheiro – Jornalista. Cleiton Silva – Sindicalista. Elson Martins – Jornalista. Emir Sader – Sociólogo. Fernando Neto – Advogado. Gomercindo Rodrigues – Advogado. Graça Fleury – Socióloga. Jacy Afonso – Sindicalista. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista. Júlia Feitoza Dias – Historiadora. Kleiton Moraes – Sindicalista. . Iêda Leal – Educadora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Lucélia Santos – Atriz. Rosilene Corrêa Lima – Jornalista. Trajano Jardim – Jornalista.



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



**A** situação da Amazônia é alarmante, nos dias atuais, com a porteira escancarada pelo governo federal aos que buscam a devastação. E nos faz lembrar com maior vigor o 32º aniversário da morte de Chico Mendes, friamente assassinado por ruralistas, que já naqueles tempos se incomodavam com os ensinamentos do líder seringueiro.

O desmatamento, que agora corre solto, é apenas uma faceta de um mal muito maior. Ruralistas, madeireiros, mineradores querem mais do que já se apossam. Querem terras, o solo que no projeto de desenvolvimento sustentável de Chico Mendes não tem donos. O direito de uso ficaria de bom tamanho pra que toda a sociedade brasileira usufruísse das riquezas da floresta, com as árvores em pé, sem queimadas e devastação.

A edição nº 74 da revista Xapuri, que começamos a folhear, é dedicada ao legado deste pensador formado na mata, no ofício de seringueiro. Colocamos frente a frente, uma vez mais, as ideias de Chico Mendes e a realidade que se apresenta. Colocamos frente a frente a devastação, fruto da ganância, do lucro de poucos, e a esperança, fruto de uma visão humanitária, de um mundo melhor a todos – estejam na Amazônia ou em qualquer lugar.

Mas esta Xapuri tem muito mais, como de costume, em conteúdo e ilustrações. Poemas de Tiago de Melo e de Pedro Tierra, e como será o mundo sem Donald Trump vêm junto com a segunda parte da matéria sobre o fogo onde o Cerrado não mais existe e a receita caseira de leite no combate aos pulgões.

Como buscar compensações nos casos de crimes de racismo, com base na morte de um cliente no estacionamento do Carrefour e as lições do pau-brasil no combate aos crimes ambientais. São apenas alguns exemplos.

Mas, nas páginas adiante, tem muito mais, acredite! Vamos juntos.

Boa leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





# Mensagens pra Xapuri

**contato@xapuri.info**

*Um grande parabéns a toda a equipe Xapuri pelo excelente trabalho!*

**Muriel Saragoussi – Manaus – AM**

*Parabéns, Xapuri, pelas Lives de Resistência!*

**Iêda Leal – Goiânia – GO**

*Saiu meu e-book “Por um mundo sem venenos”, pela editora Xapuri.*

*Não deixe de comprar na lojaxapuri.info!*

**Jaime Sautchuk – Brasília – DF**



## Revista Xapuri

## Imagem do mês

@revistaxapuri

@jessicabry

Marque suas melhores fotos do  
Instagram com a hashtag

## #revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

# Xapuri 74

**SOCIOAMBIENTAL** **DEZ 20**

**08** **CAPA**  
Chico Mendes: um legado ameaçado

**20** **CONSCIÊNCIA NEGRA**  
Hoje eu quero falar de esperança

**15** **BIODIVERSIDADE**  
A Piraíba

**22** **ECOLOGIA**  
Fogo no Cerrado e queimadas onde o Cerrado não mais existe

**18** **CONJUNTURA**  
O mundo sem Trump

**25** **MITOS E LENDAS**  
A lenda da batata-doce

**Xapuri** - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

**28** **DICA ECOLÓGICA**  
Pulgões e cochonilhas? Combata com leite!

**41** **LITERATURA**  
O grito verde que anda

**29** **HOMENAGEM**  
Seu Guri: herói sem medalha

**42** **PERFIL**  
Raduan Nassar: o maior de todos

**31** **GASTRONOMIA**  
Conserva de cebola

**44** **SAGRADO INDÍGENA**  
Por que tanto medo assim de uma queda?

**32** **MEMÓRIA**  
Um dezembro de retrocesso e de saudades

**46** **SUSTENTABILIDADE**  
Maradona: uma metáfora da condição humana

**34** **DIREITOS HUMANOS**  
O *modus operandi* do Carrefour e a necessidade de compensação de danos

**48** **UNIVERSO FEMININO**  
De Lilith e louca, toda mulher tem um pouco

**38** **MEIO AMBIENTE**  
Lições do pau-brasil: os crimes ambientais

# CHICO MEN UM LEGADO AMI



**O** dia 22 de dezembro nos faz lembrar do 32º aniversário da morte de Chico Mendes. Ele nasceu e morreu, friamente assassinado, na cidade de Xapuri, no Acre. E dali mesmo, do interior do Acre, ele se tornou mundialmente conhecido, não pelo assassinato, mas por ter vivido. E por ter deixado à humanidade um projeto de desenvolvimento sustentável baseado na Amazônia, muito diferente da atuação de mineradores, madeireiros e ruralistas, hoje em prática.

Na ânsia de ocupar a Região Norte do País, os detentores do poder durante a ditadura militar (1964-1985) abriram estradas de rodagem e distribuíram vastas extensões de terras a ruralistas por eles escolhidos, através de instituições e programas públicos. A borracha dava lugar aos bois. As terras eram desmatadas e substituídas por pasto de projetos de pecuária, que não deram certo.

Essa política ignorava a presença humana no interior da floresta – indígenas, quilombolas, castanheiros, seringueiros e ribeirinhos. Como seringalista, ainda bem jovem Chico Mendes se filiou ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileira, também no Acre.

Ali, passou a combater as políticas oficiais do governo federal e o sistema de exploração dos seringais, que era de semiescravidão. Combatia, em especial, a propriedade privada de terras na Amazônia, pregando o direito de uso como forma de ocupação. Por isso, foi assassinado por grandes fazendeiros, em 1988, aos 44 anos de idade.

Chico Mendes lutava por uma reforma agrária que possibilitasse aos extrativistas e seringueiros a geração de renda sem a devastação da floresta, resultando no uso sustentável dos recursos. Em 1985, mais de 100 seringueiros criaram o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), entidade representativa que teve como proposta a fundação das Reservas Extrativistas. A primeira foi fundada a 80 km de Rio Branco-AC, contando com 40 mil hectares.

Sua morte evidenciou a urgência de ações conservacionistas com vistas à preservação da Amazônia e ao fim dos conflitos por terra. Com base em pressão internacional, foi criada a Reserva Extrativista Chico Mendes (Resex), em 1990, exemplo seguido por outras áreas de proteção.

Referência mundial, a Resex abrange as cidades de Assis Brasil, Brasileira, Capixaba, Epitaciolândia, Sena Madureira, Xapuri e Rio Branco; tem cerca de 970 mil quilômetros de floresta e quase 1 milhão de hectares.

As reservas extrativistas sofrem, desde então, com a devastação de algumas partes pra criação de gado, atividade considerada mais rentável em relação ao cultivo de outros produtos naturais. No entanto, locais como essa reserva permitem que a maior porcentagem da floresta se mantenha a salvo e permitem a proteção aos produtores locais e aos povos indígenas.

# MENDES: ASSASSINADO



Entre 1987 e 1988, Chico Mendes foi premiado por esse trabalho, recebendo o Global 500, da Organização das Nações Unidas (ONU), que foi entregue na Inglaterra, e a Medalha de Meio Ambiente da *Better World Society*, nos Estados Unidos. Após a sua morte, prêmios, parques, institutos e memoriais têm sido criados para divulgar seu legado e homenagear o líder seringueiro.

Um ser humano simples, cuja ocupação era retirar o látex dos cortes que havia feito nas seringueiras, ter tamanho reconhecimento é de espantar, mas tem razão de ser. Seu projeto de exploração da Amazônia afeta todos os setores da vida. Afinal, o aquecimento global já prenuncia mudanças físicas de dramáticas proporções, como até mesmo a submersão de países localizados em ilhas.

Fica cada vez mais claro que a preservação da vida no Planeta, inclusive dos humanos, não deve depender do interesse econômico. As ações demandadas pregam a sustentabilidade e esta não será assegurada apenas por governos, pois envolve todos, do mais humilde vivente ao mais rico empresário, das relações entre as nações às ações cotidianas de cada ser.

O legado de Chico Mendes conseguiu sobreviver enquanto a ocupação estava sob controle, especialmente nos governos de Lula e Dilma, mas desabou como efeito da atual postura do governo federal. As medidas que implantaram normas na linha da ocupação sustentável, restringindo o desmatamento e pregando um processo gradativo e ordenado das áreas de floresta, estão sendo substituídas por garimpo desordenado, invasão de terras indígenas e reservas ambientais, com desmatamento crescente.

Sem falar em programas que funcionavam bem e também foram desfeitos por razões ideológicas. Um caso de grave impacto é o *Mais Médicos*, programa em que atuavam profissionais cubanos, abnegados e dispostos a trabalhar em lugares distantes, aonde pouca gente quer ir. Mas foram mandados embora. Hoje, índios e outras populações embrenhadas na mata padecem com a falta de assistência diante do Coronavírus – muitas mortes poderiam ter sido evitadas.

## CHINA

Em vídeo da reunião ministerial do dia 22 de abril de 2020, ganhou notoriedade a fala do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, em que ele prometia “passar boiada” enquanto a mídia e os ambientalistas estivessem debatendo o assunto. Vale lembrar que esse ministro é aquele que, numa entrevista à imprensa após ter sido indicado ao cargo, perguntado se conhecia a Amazônia, responde: “já ouvi falar”.

Foi ele mesmo, contudo, que naquela fala gravada deu o rumo que a atual política de ocupação da Amazônia tomaria neste governo, o que tem assustado o mundo inteiro. O que ocorre naquela região afeta muitos setores. Empresas europeias e asiáticas, principalmente, vêm cancelando investimentos em atividades lucrativas e também em projetos de cunho socioambiental, bastante relevantes no processo de desenvolvimento da região.

No entanto, no final de novembro, o presidente da República brasileiro participou da reunião virtual dos países do G-20, que são as 20 maiores economias do planeta, e falou bastante da Amazônia. Um discurso desgastado, repetitivo, que só faz aumentar o descrédito do Brasil nos fóruns internacionais. Os demais países membros do grupo não precisam sequer acionar seus serviços secretos de informação pra buscar a verdade – ela é visível a olho nu.

Ao mesmo tempo, de maneira gratuita, sem quê nem por quê, seu filho Eduardo Bolsonaro, que é deputado federal, soltou uma nota nas redes sociais desancando a República Popular da China, o maior parceiro comercial do Brasil, nos últimos oito anos. Numa linguagem chula, rasteira, entre outras agressões, ele diz que a China pratica “espionagem cibernética”, sem mencionar casos nem apresentar provas. Pura suposição.

O embaixador daquele país no Brasil, Yang Wanming, rebateu, em nota, as afirmações do parlamentar, dizendo que a China tem sido muito tolerante e que o deputado “terá de arcar com as consequências”. E questionou a capacidade de Eduardo pra exercer o cargo de presidente da

Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, que ele ocupa.

O embaixador lembrou a dimensão das relações entre os dois países, sem mencionar, contudo, os cortes já efetuados nos investimentos que a China vem fazendo na Amazônia, reduzidos, no início do atual governo, de 100 pra 50 milhões de dólares. A China e o Brasil têm acordos de cooperação que incluem o programa espacial – no ano passado, por exemplo, a China lançou um novo satélite, controlado por órgãos espaciais brasileiros.

Também no final de novembro, uma empresa chinesa ganhou a concorrência público-privada e vai construir e operar, por 35 anos, a ponte Salvador-Ilha de Itaparica, com 18 km de extensão. O governo da Bahia só vai entrar com a ideia, porque todo o investimento, de R\$ 7,7 bilhões, será da empresa chinesa, que ficará encarregada da manutenção da enorme estrutura e será remunerada pelos pedágios.

No início do ano passado, ocorreu no Brasil uma reunião do Brics (grupo de países emergentes, que congrega Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que já estava marcada. Por isso, o presidente chinês, Xi Jinping, esteve em Brasília, onde manteve um encontro reservado com o presidente brasileiro, no Palácio do Itamaraty. Ambos assinaram treze acordos e memorandos de entendimento nas áreas de política, economia, comércio, agricultura, inspeção sanitária, transporte, saúde e cultura, que já vinham sendo implementados na prática.

Em declaração à imprensa, Bolsonaro disse, na ocasião, que “o governo e o empresariado brasileiro querem ampliar e diversificar o comércio com a China”. Disse ainda: “Essa relação bilateral em várias áreas, inclusive com aceno do governo chinês em agregar valor naquilo que nós produzimos, tudo isso é muito bem-vindo”.

Tudo (falas e fatos) contradiz o que ele e seus filhos falam volta e meia sobre a China. Mas agora, segundo a nota do embaixador chinês, a coisa mudou de figura e pode ter complicações mais graves. Por sorte, entretanto, empresas chinesas e o próprio governo têm confessado interesse em manter projetos na Amazônia.

## RELIGIÃO

Na prática, porém, a Fundação Nacional do Índio (Funai) foi colocada na alçada do Ministério da Agricultura. Ali, o órgão e as áreas indígenas passam por experiências religiosas combatidas por indigenista e antropólogos. Um biólogo, funcionário da Funai, resolveu denunciar o que se passa e deu esta entrevista ao portal Ocada, dia 25 de novembro passado:

**Biólogo relata os conflitos com a ministra Damares e denuncia a ação de evangélicos para apagar tradições ancestrais; investida de religiosos contra indígenas isolados se intensificou com nomeações no governo Bolsonaro.**

Localizar, proteger e monitorar povos indígenas isolados e de recente contato no sul do Amazonas era a principal tarefa do biólogo Daniel Cangussu, que entre 2010 e 2019 foi coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental (FPE) Madeira Purus da Funai. Nos dois últimos anos em que ficou cargo, porém, ele passou a receber pressões para ir na contramão da sua função e organizar expedições de missionários evangélicos a um território indígena onde não deveriam entrar.





Fotos: AP1B

Cangussu trabalhava junto ao povo de recente contato Suruwahá e em ações de localização dos isolados do Hi-Merimã e de todos os demais isolados não identificados da região. Embora avalie que a Funai tivesse uma vigilância eficiente, o monitoramento do território Hi-Merimã sempre foi um desafio, porque a população é grande e se movimenta por uma área extensa. "E no entorno há muitos missionários que querem evangelizar os isolados", conta. "Nós tínhamos um controle grande da saúde dos funcionários, quando atuávamos nesses territórios. Mas essa não é uma preocupação dos missionários", critica.

"Por isso, quando me perguntam quais as principais pressões territoriais para os isolados, respondo que não são os madeireiros, os garimpeiros e os povos do entorno. São os missionários."

## MARCO TEMPORAL

São muitas as novas tentativas de meter as mãos nas terras indígenas que aguardam demarcação, uma das quais vindas do próprio governo federal, declaradamente contrário à manutenção desse direito indígena, assegurado na Constituição Federal. O presidente da República se recusa a reconhecer e demarcar terras indígenas e afirma que todas elas "são muito grandes". Por isso, ele prefere que fiquem com ruralistas, madeireiros e desmatadores.

No momento essa questão ganhou novo formato e foi bater no Supremo Tribunal Federal (STF), que julga um processo de reintegração de posse do governo de Santa Catarina. Trata-se de um caso específico, mas, caso aprovado, passa a ter efeito geral sobre todos os territórios indígenas,

de quilombolas, reservas ambientais e assim por diante. Escancara em definitivo, pois, a porteira desses territórios aos interesses econômicos.

A bem da verdade, retoma a postura que vem desde o Brasil Colônia, quando os portugueses se apoderavam dos territórios indígenas ao bel-prazer. Esse processo do governo catarinense toca no que vem sendo chamado de “marco temporal”, assunto que vem tramitando há um bom tempo no Supremo, mas parecia que iria ter uma decisão no final de novembro, quando aquele tribunal passou a analisar o assunto.

Entretanto, a tramitação foi interrompida, com a promessa de ser retomada de imediato. Contudo, segundo o líder indígena Ailton Krenak, que acompanha de perto o assunto, o Supremo só voltará a colocá-lo em pauta no ano que vem, após esgotar outras pautas e entrar em recesso. De todo jeito, especialistas de diversas frentes acreditam que o STF irá rejeitar o pedido, por considerar exagerado o tamanho do impacto que vai provocar.

Embora aparente ser uma questão relativa apenas ao uso do solo, o marco temporal afeta todos os aspectos das relações sociais na região. E bate de frente nos elementos básicos da proposta de desenvolvimento elaborada por Chico Mendes, com base no seu convívio diário, desde que nasceu, com a vida na floresta voltada a uma sobrevivência digna, longe da ganância e da ostentação que sempre marcaram os exploradores da floresta.

## OUTROS LEGADOS

Durante os primeiros três séculos e meio do descobrimento, como não foram encontradas riquezas de ouro ou minerais preciosos na Amazônia, as populações da hileia brasileira viviam praticamente em isolamento. Nem a coroa portuguesa e, posteriormente, nem o império brasileiro conseguiram concretizar ações governamentais que incentivassem o progresso na região.

Vivendo do extrativismo vegetal, a economia regional se desenvolveu por ciclos (drogas do sertão), acompanhando o interesse do mercado na imensa quantidade de recursos naturais da região. O desenvolvimento tecnológico e a Revolução Industrial, na Europa, foram o estopim que fizeram da borracha natural, até então um produto exclusivo da Amazônia, um produto muito procurado e valorizado, gerando lucros e dividendos a quem quer que se aventurasse neste comércio.

Pra extração da borracha, na segunda metade do século XIX, acontece grande migração de nordestinos, principalmente do Ceará, estado que centralizava a saída de caminhões paus-de-arara de trabalhadores, que viviam permanentemente sob os efeitos das secas. Boa parte desses migrantes ia só, deixando a família nos sertões, o que gerava tam-

bém novas relações conjugais, muitas vezes com mulheres indígenas ou ribeirinhas.

Começava assim o Grande Ciclo da Borracha (1879-1912), provocando o rápido desenvolvimento econômico da região. Belém, capital do Pará, logo se transformou na “cidade mais europeia do Brasil”, segundo dizia a mídia de então. Manaus veio logo atrás, abrigando uma elite que foi beneficiada com grandes áreas repletas de seringueiras, onde os nordestinos iam tirar o látex, num regime de trabalho do baracão, semiescravo, pois estavam sempre devendo mais do que tinham a receber.

A sangria das seringueiras rendia muito dinheiro e provocava a abertura de novas áreas a cada momento. Assim, foram sendo abertas rotas de seringueiras em território da Bolívia, tidos como abandonados já que, de fato, o governo do vizinho a Oeste não mantinha tropas na sua fronteira Norte. Com a chegada das tropas de Santa Cruz de la Sierra, no entanto, Plácido de Castro, um ex-militar brasileiro, organizou forças e abriu guerra contra os bolivianos.

Ele passou a contar com o apoio do



Foto: Acervo Comitê Chico Mendes



governo federal brasileiro e vinha conseguindo vitória sobre vitória e, em 1905, deu por consolidada a tomada daquela extensão onde hoje é o Estado do Acre e se preparava pra declarar a independência daquele território. Percebendo essa manobra, o governo brasileiro passou por cima de Plácido de Castro e comprou aquela área do governo boliviano e a anexou ao território brasileiro,

Ainda antes da virada do século, o dinheiro da borracha buscava formas de evacuar mais rapidamente a produção, via oceano Pacífico. Surgiu a ideia de uma ferrovia, mas, em meio a conflitos territoriais, doenças diversas e ameaças de povos indígenas, a estrada encalhou, pois nesse período a Argentina construiu duas outras ferrovias com "la Salida al Mar", enquanto a Madeira-Mamoré ficava conhecida como a estrada "do nada a lugar nenhum".

No entanto, o magnata Percival Farquhar, dos Estados Unidos – fazendeiro, seringalista e dono de ferrovias em seu país e aqui – comprou e concluiu aquele trecho da Madeira-Mamoré, margeando esses dois rios, em território brasileiro. Mas a ferrovia passou a ter outra finalidade, que não garantia sua sustentabilidade e assim ficou. Farquhar, por seu lado, continuava sendo o maior exportador de látex do Brasil e assumiu a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande (1912-1916), conhecida por ter gerado a Guerra do Contestado, em Santa Catarina.

## TEATRO AMAZONAS

Outro feito de grande impacto, na opulência da borracha, foi a construção do Teatro Amazonas, em Manaus, que foi inaugurado em 1896. Sua construção se deu em meio à implantação de um plano diretor da cidade, com ruas, praças e demais logradouros definidos de forma harmônica. Mas era um pleito da elite local, que não queria deixar Belém

com a marca de "cidade mais europeia" e sonhava com algo que lembrasse Paris – nada melhor do que um majestoso teatro, que de fato rendeu à cidade o apelido de "Paris dos Trópicos".

De estilo renascentista na sua estrutura externa, com detalhes únicos na sua cúpula, virou um dos monumentos mais conhecidos do Brasil. Por ser uma obra singular no país e representar o apogeu de Manaus durante o ciclo da borracha, foi tombado como Patrimônio Histórico Nacional pelo IPHAN, em 1966, e muitas vezes premiado por entidades e organismos internacionais.

Manaus foi fundada no século XVII, com a descoberta dos rios daquela parte do território brasileiro, mas se tornou capital do Amazonas em 1869. Está localizada às margens do Rio Negro, mas tendo à sua frente o encontro das águas barrentas do Rio Solimões e as escuras do Negro, que formam o Rio Amazonas, o maior do mundo. A cidade é um dos principais atrativos de turistas estrangeiros que visitam o Brasil e tem hoje cerca de 2,5 milhões de habitantes.

Embora seu interesse cultural tenha grande abrangência, fica claro, contudo, que os feitos dos governos locais durante o ciclo da borracha eram voltados às elites locais, que incluíam mais de 2.500 estrangeiros, principalmente europeus, que foram atraídos pelo exótico produto – recurso natural bruto, tão cobiçado pelas indústrias que surgiam mundo afora.

Esse modelo, contudo, como já vimos, era combatido por Chico Mendes. Mas havia uma longa distância entre os povos da floresta e os nordestinos que chegavam, e os donos dos seringais. Esses estavam preocupados com o lucro que poderiam obter, atingindo uma posição social que os igualava aos coronéis do café de São Paulo, por exemplo.



**Jaime Sautchuk –**  
Jornalista. Escritor.





# A PIRAÍBA

Thiago de Mello

A piraíba é de lenda,  
mas lenda que come gente.  
Do que piraíba gosta  
é de ficar de bubuia  
no meio morno do rio  
só para olhar as estrelas.  
Não as estrelas do céu,  
mas as que brilham serenas  
refletidas nas funduras  
incalculáveis das águas.

Além de estrela e de baile,  
piraíba gosta mesmo  
é de beber arco-íris.  
Fica na espera, juntinha  
do lugar onde aparece,  
deixa ele crescer de cores,  
armar radioso o seu arco  
e então lentamente o engole  
pela sua raiz de água.  
Peixe de pele, seu dorso  
se recobre de losangos,  
luas, cones de cores e alvoradas  
verdes de todas as cores.



**Thiago de Mello -**

Poeta maior da Amazônia e do Brasil,  
em *Amazonas - Águas, Pássaros, Seres  
e Milagres*. Editora Salamandra, 1998.

# “A MILITÂNCIA ECOLÓGICA NÃO PODE DIVORCIAR-SE DA LUTA SOCIAL”

————— Eduardo Galeano, comentando sobre Chico Mendes.



Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

## **Um Sindicato ligado às lutas sociais e ambientais há 59 anos**

Kleyton Morais, presidente do Sindicato

O Sindicato dos Bancários de Brasília completou 59 anos no dia 23 de novembro. É uma história repleta de lutas e conquistas importantes, que faz dos bancários referência enquanto uma das categorias mais organizadas e fortes nacionalmente, atuando

no enfrentamento de pautas como a retirada de direitos dos trabalhadores e o abandono da soberania nacional, incluindo aqui o ponto da sustentabilidade e questões ameaçadas pelos projetos de privatizações, por exemplo, dos bancos públicos.

Em 2020 o Sindicato comemora 59 anos e também um segundo marco histórico: os 40 anos da retomada democrática da entidade para as lutas da categoria, depois que ficou 16 anos sob intervenção da ditadura militar e seus prepostos. A caminhada do Sindicato das bancárias e dos bancários até aqui nos ensina a importância desse sujeito histórico e coletivo tanto para a categoria bancária quanto para a sociedade do Distrito Federal e do Brasil. Em 27 de janeiro de 1961, os funcionários transferidos a Brasília, muitos com militância sindical, criaram, \*sob a liderança memorável do companheiro

Adelino Cassis, a Associação dos Bancários de Brasília, que se transformou em Sindicato no dia 22 de novembro, e por ele presidida\*.

A organização sindical dos bancários de Brasília surgiu junto com a capital. Este fato, reforçado pela atuação firme das direções e por escolhas da base fizeram com que a luta da categoria se entrelaçasse com a luta da cidade, do DF. Mas não somente. Por aqui passaram pautas salariais, melhorias das condições de trabalho, jornada legal, valorização do salário mínimo, defesa ambiental, entre outras tantas, e a participação na vida política, vivenciada em movimentos como Diretas Já, Fora, Collor, e contra o golpe jurídico-parlamentar de 2016.

O Sindicato já nasceu combativo e de luta. Em junho de 1962, os bancários de Brasília fizeram a primeira paralisação, uma greve histórica que começou no dia 2 daquele mês e durou 17 dias, para exigir o cumprimento do acordo salarial do ano anterior. Em 6 de dezembro de 1962, participaram da greve nacional de 24 horas dos bancários pela manutenção do 13º salário, que estava ameaçado de extinção por causa de um projeto de lei que tramitava no Congresso Nacional.

Os bancários e bancárias continuaram participando das crescentes mobilizações da categoria e da classe trabalhadora em todo o país, até que veio o golpe civil-militar de 1º de abril de 1964, que interveio no Sindicato, destituiu a diretoria, perseguiu e prendeu vários dirigentes, inclusive o presidente Adelino Cassis, que foi demitido do Banco do Brasil e teve os direitos políticos cassados por 10 anos.

Como aconteceu com praticamente todo o movimento sindical, o regime militar passou a nomear juntas interventoras para dirigir o Sindicato dos Bancários. A partir de 1968, permitiu a realização de "eleições" na entidade, com chapa única, formada pela direção da Contec com bancários que apoiavam o golpe e eram subservientes ao governo e aos banqueiros. Apesar das perseguições e da repressão, aos poucos os bancários começaram a se reorganizar, inicialmente quase de forma clandestina. E, em 1974, a Oposição Bancária, liderada por Augusto Carvalho, disputou e perdeu a eleição do Sindicato de Brasília.

É a partir daí que surge o Movimento Bancário de Renovação Sindical (MBRS), que começa a desenvolver um trabalho de organização e de sindicalização da categoria. Depois de várias derrotas, o MBRS finalmente

vence a eleição de 1980, retomando o Sindicato para a categoria bancária, 16 anos após o golpe militar.

## VANGUARDA DAS LUTAS

O Sindicato dos Bancários de Brasília tornou-se assim um dos primeiros do país a ser reconquistado pela organização e luta dos trabalhadores, em plena ditadura militar. A partir daí, os bancários do DF sempre estiveram na vanguarda das lutas não só da categoria, mas de toda a classe trabalhadora. Os bancários de Brasília foram fundamentais na criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), assim como Chico Mendes, e das organizações que construíram a unidade nacional da categoria bancária a partir da década de 1980, que tem como pilar central a Contraf-CUT.

A importância dessa redemocratização vai além da pauta local ou de um interesse corporativo. É a luta de todos os trabalhadores, que se inspiram, buscam força em outros exemplos nacionais para voarem coletivamente. É o momento da retomada e do crescimento do movimento sindical. O Chico Mendes nunca fez voo solo. Sempre colocou a luta dos seringueiros como essencial para a preservação da floresta, de um estilo de vida, de um grupo que deveria ser visto e valorizado, como parte de uma identidade nacional. Chico organizava os atores da floresta e os conectava com o cenário nacional.

No momento da redemocratização do Sindicato, tivemos participação no primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros, ocorrido em Brasília em 1985, com a presença do grande companheiro Chico Mendes. Como um importante sindicalista, fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Também por iniciativa dele, aconteceu o Encontro Nacional de Seringueiros e, consequentemente, o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), instituição que presidiu. Chico esteve sempre associado ao Sindicalismo, impulsionando nossa luta.

Nesse quase sexagenário aniversário, queremos comemorar os valiosos préstimos que a entidade proporciona, e tão importante quanto, reafirmar o compromisso histórico com a pauta dos direitos da classe trabalhadora, da defesa das instituições públicas e, nessa quadra em que a barbárie se apresenta absurdamente e sem qualquer modéstia, defender a vida enquanto valor supremo e inalienável. Isso significa lutar por justiça, inclusão e contra toda e qualquer forma de discriminação, intolerância e injustiça.

### Assim como o companheiro Chico Mendes nos legou!



**Kleyton Morais-**  
Líder Sindical. Presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília.



# O MUNDO SEM TRUMP

---

Emir Sader

O governo Trump representou um passo significativo no processo de decadência da hegemonia norte-americana no mundo. Esta havia se iniciado com a adoção pelos Estados Unidos do modelo neoliberal.

Este, ao contrário do modelo vigente desde o fim da Segunda Guerra mundial até o anos 1970, não está centrado em um setor produtivo – o de grandes corporações monopolistas internacionais, de que a indústria automobilística foi a mais importante –, mas tem no capital financeiro seu eixo. Não um capital financeiro que financie a produção, a pesquisa ou o consumo. Mas um capital financeiro que vive da venda e compra de papéis, sem induzir a produção de bens, nem gerar empregos.

É, assim, um modelo sem capacidade hegemônica. Se passou de um ciclo longo expansivo do capitalismo a um ciclo longo recessivo.

Os Estados Unidos não têm um modelo econômico a propor, como exemplo, com resultados de sucesso. As economias europeias, a do Japão, as latino-americanas, que seguem subservientemente esse modelo, mergulham em longos processos recessivos, com crises sociais profundas e governos com instabilidade política.

A essas dificuldades estruturais se somou o governo Trump que, com o lema de *"America First"*, retomou a tradição isolacionista de política externa dos Estados Unidos em grande estilo. Abandonou organismos internacionais, abandonou seus aliados históricos europeus, deixou a América Latina sem lugar na sua política externa.

Ao abandonar o Tratado do Pacífico com que os Estados Unidos pretendiam limitar o expansionismo da política externa chinesa, deu de presente toda essa imensa zona para a China, que não demorou a estender a nova Rota da China e consolidou um grande Tratado de Livre Comércio em toda a Ásia.

Além de que as posições retrógradas de Trump em relação à pandemia, promovendo o negacionismo, só conseguiu adesão de governos ultra conservadores, entre eles o do Brasil, como único aliado relativamente importante. Mas uma demonstração a mais do desprestígio norte-americano em escala mundial.

Quando se projetava a vitória de Biden, houve quem subestimou as mudanças que o novo governo poderia introduzir, a ponto de postular que tanto faria a vitória de Trump ou de Biden. Pela crítica das posições históricas dos democratas, especialmente seus engajamentos bélicos, assim como do próprio



Biden, não captavam a importância da derrota do Trump. Não se davam conta da virada significativa que ele tinha implementado na política interna e externa dos Estados Unidos.

A vitória do Biden foi a vitória de todas as forças que se uniram, transformando as eleições em referendo contra o Trump, fazendo com que Biden tenha sido eleito nem tanto pelo que ele é, mas por ter assumido o papel do anti-Trump.

O que será o mundo sem o Trump? A radicalidade das políticas de Trump bastam para mostrar as diferenças para um governo que simplesmente se propõe a retomar as políticas internas e externas de Obama.

As primeiras medidas anunciadas por Biden já permitem perceber as diferenças, a começar pelo retorno dos Estados Unidos ao Acordo de Paris, cujo abandono foi tão simbólico da virada na política norte-americana por Trump. Mas também a importância no combate à pandemia, em que a postura de Trump marcou profundamente seu governo e teve peso decisivo na sua derrota eleitoral.

Os aliados tradicionais dos Estados Unidos na Europa já acenam para a retomada das alianças com Washington. Cuba manifesta com benevolência a possibilidade de retomada dos tipos de relação que

tinham tido no governo Obama, o México se sente aliviado de não ter a pressão intensa do governo Trump sobre o seu vizinho do Norte.

No polo oposto, o próprio Bolsonaro acusou o golpe, mesmo se finge desconhecer a vitória de Biden. Já fez declarações desencontradas, até mesmo especulando com que talvez nem se candidate à reeleição – seu objetivo político maior.

Mas ele sabe que agora o isolamento internacional do seu governo será enorme, que ele receberá forte pressão do novo governo norte-americano sobre a Amazônia e sobre os direitos humanos.

O mundo sem Trump será distinto. Os Estados Unidos não deixam de ser a potência imperialista que são, nem renunciarão a seus interesses econômicos e a seu modelo neoliberal. Mas, só em pensar na derrota da alternativa de extrema direita na maior potência mundial, já dá para nos darmos conta das mudanças.



**Emir Sader**

Sociólogo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



**VALEU, MATHEUS GOMES!**

**Jovem negro, nosso vereador  
Porto Alegre RS**

**VALEU, MANGUEL BUCHECHA!**

**Homem negro, nosso vereador  
Oriximina PA**

**VALEU, PAOLLA MIGUEL!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Campinas SP**

**VALEU, VINÍCIUS CASARIN!**

**Homem negro, nosso vereador  
Curitiba PR**

**VALEU, THAIS FERREIRA!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Rio de Janeiro RJ**

**VALEU, PROF. ROSELY!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Alvorada do Norte GO**

**VALEU, DANDARA!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Uberlândia MG**

**VALEU, VINÍCIUS CASARIN!**

**Jovem negro, nosso vereador  
Olinda PE**

**VALEU, ELENÍZIA DA MATTA!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Goiás GO**

**VALEU, VERÔNICA LIMA!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Niterói RJ**

**VALEU, CAROL DARTORA!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Curitiba PR**

**VALEU, CAROL DARTORA!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Campinas SP**

**VALEU, GIULIANE QUINTINO!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Caratinga MG**

**VALEU, MOARA SABOIA!**

**Jovem negra, nossa vereadora  
Contagem MG**

**VALEU, TAINÁ DE PAULA!**

**Mulher negra, nossa vereadora  
Rio de Janeiro RJ**

**VALEU, NOSSA CARA!**

**Mulheres negras, nossas vereadoras  
Fortaleza CE**



# HOJE EU QUERO FALAR DE ESPERANÇA

— Iêda Leal

Hoje eu quero falar de esperança e de realizações. Quero focar no resultado de um esforço ancestral que foi nada menos que a maior participação de negras e negros na história política brasileira.

Sei muito bem que apenas 18% da verba do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC) – também chamado de Fundo Eleitoral – foram destinados às candidaturas a prefeito(a) e vereadores(as) pretas e pardas, e, portanto, que muitos(as) dos(as) nossos(as) não foram contemplados(as) de forma justa, mas vamos continuar acompanhando.

Queremos aqui enaltecer e comemorar os frutos da nossa resistência e confirmar a importância da nossa decisão de chamar a população negra desse País (somos 56% da população brasileira) para colocarmos nossas caras pretas nas Câmaras Municipais e Prefeituras. E exigimos que seja respeitada a regra que prevê que os partidos têm de adotar a proporcionalidade dos recursos do Fundo Eleitoral, primeiro pensando o gênero dos candidatos e depois o critério racial. Trocando em miúdos, o dinheiro deve ser distribuído proporcionalmente entre mulheres negras e brancas e entre os homens negros e brancos.

Mas apesar de todas essas armadilhas, mesmo assim, elegemos representantes para muitas cidades com um perfil de militância em defesa da vida e contra o racismo. Isso confirma que estamos no caminho certo: investir em quem sabe dialogar com a nossa população e que são pessoas muito próximas das nossas lutas e reivindicações ancestrais. As(os) eleitas(os) são representantes dos

nossos anseios por justiça para o povo negro.

Nem por um momento perco de vista que negros(as) são apenas 6% dos(as) vereadores(as) do total de eleitos, enquanto brancos(as) foram 53%. Mas eu estou, sim, orgulhosa do nosso avanço.

Esse resultado não veio porque estamos sendo tratados com mais justiça ou igualdade. Muito pelo contrário, o racismo recrudescer na nossa sociedade e o genocídio mantém a sua sanha sanguinária entre a juventude negra da periferia.

Mas é assim que vai ser: onde tiver racismo, vamos tirá-lo do caminho com muita luta, para garantir nossa visibilidade nos espaços de poder e colocar nossa competência para nos representar nesses locais. Mas estamos vivas e vivos e as vidas negras importam. Principalmente quando ocupamos as tribunas e os plenários de onde sempre fomos apenas meros coadjuvantes na hora de votar. Vamos sim, ampliar nossos lugares de fala!

Parabéns a todos(as) os(as) candidatos(as) negros(as) eleitos(as) e que não percam de vista a importância histórica do nosso protagonismo.

Viva Zumbi! Viva Dandara! Vivam as Marielles que brotam todos os dias pelo nosso País!



**Iêda Leal** –  
Coordenadora Nacional do MNU. Tesoureira do SINTEGO. Manifesto lançado pelo MNU em 21 de março de 2020.



# FOGO NO CERRADO E QUEIMADAS ONDE O CERRADO NÃO MAIS EXISTE

Altair Sales Barbosa

A ação do fogo no Cerrado, ao longo do tempo, criou neste ambiente vários exemplos de adaptação. No caso animal, pode-se citar como ilustração, além dos já citados, o caso da ema (*Rhea americana*), que faz um ninho grande, que comporta em média 50 ovos, que são chocados pelo macho no meio do campo.

Para proteger o ninho, a ema faz, ao seu redor, um pequeno aceiro, para quando o fogo vier não atingir o ninho. Isto era possível, porque se tratava de um fogo brando, rápido e rasteiro, que simplesmente lambia o resto das gramíneas secas e mortas. Esse fogo não tinha força para atravessar o pequeno aceiro feito por aquela ave.

As gramíneas nativas e outras plantas herbáceas existiam nos chapadões, nas campinas, nos interflúvios e nas áreas de cerrado **stricto sensu**, onde a luz do sol

permite a entrada da claridade. Atualmente, essas gramíneas não existem mais. Adiante analisaremos as causas dessa extinção.

Nossa obrigação tem a esclarecer ainda alguns pontos importantes. O primeiro refere-se ao ciclo vegetativo das gramíneas. Toda vez que uma gramínea produz semente, a planta morre. Alguns exemplos, que não são as pequenas gramíneas do Cerrado, apenas para a ilustração ficar mais clara. O milho, que é uma gramínea, quando produz suas sementes e elas amadurecem nas espigas, a planta morre. Assim ocorre com a cana-de-açúcar, com arroz, com trigo etc.

O mesmo fenômeno acontece com as gramíneas nativas do Cerrado, uma vez que dão sementes, morrem deixando no local tufo de pequenos troncos

secos. Algumas dessas espécies têm ciclo anual, outras desapareceram, antes que o ciclo pudesse ser conhecido, como muitos bambuzinhos nativos etc. Quando acontecia o fogo natural, este era brando e tinha a função de limpar os tufos das gramíneas, para que brotos novos surgissem ou para a quebra da dormência das sementes, que propagavam essas espécies.

Ponto importante também a ser considerado refere-se aos alimentos disponíveis para os animais nativos, no auge da estação seca. Nessa época, esses animais estão vivendo o tempo da sobrevivência.

Diferentemente de outros parâmetros de tempo, o tempo da sobrevivência é o tempo do fio da navalha. Se encontra entre a vida e a morte, não há alimentos no Cerrado para a sobrevivência dos animais, e muitos destes encontram nos restos dos fogos, elementos que lhes permitem sobreviver mais alguns dias, restos de insetos carbonizados, pedaços de carvão e até a cinza, que proporciona cálcio e sais minerais.

De imediato vêm as floradas, e, com as primeiras chuvas, a rebrota das gramíneas; em seguida chegam os primeiros frutos. Esse ciclo complexo sustenta os herbívoros, que por sua vez sustentam os carnívoros, restabelecendo novamente o ciclo da vida.

Também é importante salientar as causas do fogo espontâneo no Cerrado. Nesse Sistema encontra-se uma grande variedade de rochas, que refletem com intensidade a luz do sol, essa luz, ao encontrar massa combustível vulnerável, imediatamente se inflama. As rochas quartzosas, desde as esbranquiçadas até o quartzo hialino, as biotitas, as muscovitas, o sílex, o arenito silicificado, todas podem provocar esse tipo de fenômeno. Já presenciei isso muitas vezes, em longos trabalhos de campo. Porém a experiência mais extraordinária, neste sentido, aconteceu dentro de um museu, onde uma telha quebrada permitiu a passagem de um intenso raio solar que, ao tocar numa superfície polida de madeira silicificada, refletia num pedestal de madeira comum, que sustentava outra amostra.

Percebi uma fumaça. Ao tentar constatar o que estava acontecendo, vi que a fumaça era oriunda da madeira que funcionava como pedestal que, ao receber o reflexo do raio solar, estava começando a se queimar, fato que não chegou a se concretizar porque ela era densa. Esse fenômeno se deve ao fato do albedo do sol, que nessa época de estação seca atinge certas regiões do Cerrado de forma que permite um reflexo tangencial, gerando concentração de calor.

Outro fator, originado de processos adaptativos, refere-se à energia ou ao eletromagnetismo gerado pelo contato ou atrito dos pelos de alguns animais, com os talos secos das gramíneas. Nessa época a umidade é muito baixa, fato que provoca tal fenômeno; uma vez provocada a faísca, se esta encontrar massa combustível, é capaz de se alastrar como fogo.

Outro fenômeno muito comum de fogo espontâneo no Cerrado ocorre nas margens dos rios, nas veredas, nos

pantaneais e até nos lagos artificiais. Trata-se do fogo-fátuo, que é a combustão resultante do contato de gases metano e fósforo com o oxigênio da atmosfera. O fogo-fátuo é comum nesses locais.

Nas margens de rio, é porque na época das cheias muitos animais povoam esses locais com a vazante. Com o recuo das águas na época da seca, os animais que ficam presos e não conseguem acompanhar a descida das águas entram em decomposição pela ação das bactérias e logo são soterrados pela sedimentação; os gases produzidos pela ação das bactérias, ao entrarem em contato com o oxigênio atmosférico, formam um fogo azulado, que pode durar segundos.

Nas veredas, em função da presença de turfa e constante material em decomposição, esse fenômeno é muito comum e pode se alastrar com facilidade, dada a existência de um estrato inferior composto de muitas gramíneas nativas, dentre estas o capim dourado, só para citar um exemplo.

Entretanto, os locais onde os fogos-fátuos ocorrem com mais frequência são as áreas de pantaneais; no Sistema do Cerrado existem pequenos pantaneais e grandes pantaneais. Entre os pequenos, podemos citar os Pantaneais do rio Paranã, em Flores de Goiás, e o Pantanal do rio Capivari, próximo à cidade de Acreúna, Goiás.

Entre os grandes, o destaque é para o Pantanal Mato-grossense da sub-bacia hidrográfica do rio Paraguai. Aliás, fisiograficamente, essa paisagem não passa de um subsistema do Sistema Biogeográfico do Cerrado. Nesse local, na época das águas, formam-se grandes e pequenas lagoas marginais, algumas são perenes, mas outras, principalmente as menores, quando vem o período de estiagem, elas começam a secar.

Quando cheias, estavam recheadas de vidas, que com a estiagem agonizam à medida que o processo de seca aumenta. Como o fundo é argiloso, em função do processo de sedimentação lento, muitos animais, na ânsia da sobrevivência, se misturam ao fundo argiloso da lagoa, até que toda a água se evapora.

O mesmo processo de decomposição acontece pela ação das bactérias e, quando os gases saem por alguma brecha, o contato com o oxigênio provoca o fogo azulado. Nos pantaneais, porém, a massa combustível é bem maior que nas outras, daí a possibilidade do fogo se alastrar pelas gramíneas nativas secas é também maior.

O fenômeno do fogo-fátuo constitui-se no primeiro mito indígena relatado no Brasil por José de Anchieta, e os índios o denominavam de Boitatá ou cobra de fogo. Alimenta também os diversos casos de assombrações nos sertões do Brasil.

Atualmente, esse fenômeno adquire grandes dimensões, em função da construção de lagos artificiais. Na ânsia do represamento das águas para a formação dos lagos, apenas um baixo percentual das madeiras que têm valor comercial é retirado; aquelas sem valor são deixadas nos locais. Com o enchimento dos lagos, o processo de decomposição continua e o fenômeno do fogo-fátuo aumenta assustadoramente.

Era assim que funcionava o fogo no Sistema Biogeográfico do Cerrado! Um fogo brando, leve, essencial para a manutenção da paisagem como um sistema.

Findo o ciclo da mineração no centro do Brasil, em função de múltiplas razões, os antigos mineiros apossaram-se das terras em volta dos antigos centros mineradores, com intuito de desenvolver uma agricultura e uma pecuária básica com que pudessem alimentar a si e aos seus.

Dessa forma, a pecuária, antes de se transformar em intensiva e altamente científica e tecnológica, foi praticada extensivamente à solta sobre as imensas pastagens. Tradição que se iniciou em terras situadas no oeste do rio São Francisco, nos gerais da Bahia e Minas. (Neto, 2012).

Com a introdução em larga escala do gado indiano, especialmente a raça nelore, associada às técnicas de inseminação artificial, foi tomando proporções gigantescas a introdução de gramíneas exóticas nas áreas do Cerrado. Este fato aconteceu principalmente a partir da década de 1940, mas foi se aperfeiçoando, paralelamente ao desenvolvimento das técnicas agrícolas, e, a partir da década de 1970, já que se percebeu que as gramíneas nativas não dão sustentação para criações em larga escala.

Dentro dessa perspectiva, foram paulatinamente sendo introduzidas as gramíneas exóticas para sustentar essa pecuária cada vez mais pujante, que se desenhava no Brasil.

A primeira espécie a ser introduzida foi o capim-elfante (*P. purpureum*), de origem africana; depois veio o colônio (*P. maximum*), que, segundo alguns, inicialmente se disseminou pelas sementes que vinham grudadas nas roupas dos escravos e, assim sucessivamente, introduziu-se o Andropogon (*A. gayanus*), o Capim-gordura (*M. minutiflora*), o Jaraguá (*H. rufa*), todos também de origem africana.

A partir da década de 1970, com a diversificação cada vez maior e com a expansão de fronteiras, foram introduzidas quatro espécies do Capim-Braquiária, também de origem africana o (*B. decubens*), o (*B. humidicola*), o (*B. ruziziensis*), e o (*B. brizantha*); todas essas espécies se adaptaram bem às condições dos espaços onde foram plantadas, claro que umas tiveram melhor adaptação, principalmente contra o ataque da cigarrinha e outros insetos, fato logo resolvido pelos potentes inseticidas desenvolvidos pelos laboratórios associados ao grande agronegócio.

A primeira consequência da introdução dessas gramíneas exóticas foi a perda da biodiversidade. Por serem severas, agressivas e invasoras, essas espécies logo se espalharam nos diversos ambientes de Cerrado, principalmente naqueles onde a claridade imperava, nos campos, no cerrado *strictu-senso*, no cerradão, nas veredas, nas orlas das matas, nos leitos e margens de estradas etc., modificando de forma radical a fisionomia da vegetação do Cerrado e influenciado na propagação de pragas antes desconhecidas.

Por não possuírem sistemas radiculares complexos, essas gramíneas não absorvem as águas das chuvas, da forma como fazem as gramíneas nativas; a consequência imediata é a diminuição da umidade do solo e dos depósitos de água subterrânea. Também têm ciclos anuais, ou seja, todo ano produzem sementes, que, logo após o amadurecimento, a planta morre, deixando uma montanha de talos secos, porque trata-se de espécies com alturas consideráveis.

O manejo inadequado dessa massa combustível, e ainda o preconceito contra o fogo, fundamentado nas raízes religiosas da população, que confunde fogo com inferno, contribui para que jamais se entenda que o fogo é um dos elementos que compõem o meio ambiente.

Dentro dessa perspectiva, em vários locais foram criadas as denominadas brigadas contra incêndios, que ao primeiro sinal de fogo correm para apagá-lo. Agindo com boa-fé, mas sem conhecimento das ecologias e histórias locais, as brigadas só contribuem para o aumento da massa combustível, pois, a cada ano que passa, pela fisiologia dessas gramíneas, só aumenta o volume a ser queimado.

Um dia o fogo chega, pois o planeta é dinâmico, os fenômenos que aconteciam no passado continuam da mesma forma; portanto, o fogo pode chegar por causas naturais ou antrópicas ou pela associação das duas, e quando isso acontece o fogo se transforma em queimada prejudicial a todos e a qualquer forma de vida e ainda se torna incontrolável.

Esse quadro só reforça o que venho afirmando com relação ao Cerrado: na plenitude de sua biodiversidade, este ambiente não existe mais. E, se hoje o fogo aterroriza, amanhã muitos seres morrerão de sede, e a disputa dos humanos pela água será cada vez mais acirrada.

A introdução das gramíneas exóticas agressivas e invasoras por excelência, que deu o último empurrão para a desconfiguração do Cerrado, exige um plano de manejo adequado, quer seja utilizando do próprio fogo, em áreas e tempos alternados, quer seja limpando com máquinas as áreas com as macegas incendiárias.

De uma forma ou de outra, o prejuízo ambiental é irreversível, mas, pelo menos, proporciona aos humanos momentos de mais conforto. Aliás, mesmo quando ainda existiam as gramíneas nativas, e algum fogo acontecia, sempre tive minhas dúvidas, se, com todo alarde, o homem estava pensando mais nele ou na natureza como um todo. Na preservação ou na produção?



**Altair Sales Barbosa** - Pesquisador do CNPq - Membro Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás - Pesquisador convidado UNIEvangélica de Anápolis.



# A LENDA DA BATATA-DOCE

Um dia, diz uma lenda do povo A'uwe Upatbi, um caçador enfermo, com o corpo coberto de feridas, foi abandonado no Cerrado.

Do alto, um bando de urubus viu o pobre se debatendo no chão. As aves ficaram com muita pena dele, pousaram e o levaram para o céu e, lá, conseguiram curar todos os seus machucados.

Depois que o caçador ficou bom, os urubus o trouxeram de volta a terra e o deixaram numa roça do povo Xavante. Hospitaleiros, os Xavante correram para dar as boas-vindas a quem havia chegado.

Feliz pela acolhida, o caçador deu a eles uma rama de batata-doce, que tinha trazido do céu. A muda cresceu, esparramou pela terra, produziu muitos frutos e gerou muita fartura para toda a aldeia.



# TRIBUTAR OS SUPER-RICOS PARA DAR DIGNIDADE AO POVO BRASILEIRO

*Você sabia que a tributação dos 0,3% mais ricos do país geraria R\$ 292 bilhões por ano para o Brasil?*

*Atualmente, nosso país tem 42 bilionários. Essas poucas dezenas de pessoas aumentaram suas riquezas em mais de R\$ 170 bilhões na pandemia da Covid-19, enquanto 14 milhões de brasileiros ficaram sem emprego. Segundo a campanha Tributar os Super-Ricos, integrada pelo Sinpro-DF e mais de 60 organizações nacionais, a riqueza estimada desses bilionários é de aproximadamente R\$ 600 bilhões. Com um imposto de 2% sobre essa fortuna, seriam arrecadados R\$ 12 bilhões por ano. O valor daria para pagar o tratamento de 267 mil pacientes com Covid-19 internados em Unidade de Tratamento Intensivo.*

*Diante do cenário desigual, a campanha Tributar os Super-Ricos propõe um conjunto de medidas para enfrentar a crise econômica. Na estratégia, estão o aumento dos tributos sobre as altas rendas e grandes patrimônios, além da redução dessa tributação para as baixas rendas e pequenas empresas.*

*Fazer o Brasil feliz de novo é possível!  
Acesse [www.ijf.org.br](http://www.ijf.org.br) e saiba tudo sobre a campanha Tributar os Super-Ricos*

*Siga nossas redes*





Foto: Lucía Resende

# PULGÕES E COCHONILHAS? COMBATA COM LEITE!

Lucía Resende

Eis que de repente você percebe que suas plantas estão cheias de cochonilhas e pulgões, não gosta de usar veneno e não sabe o que fazer. Quem cultiva plantas sabe que isso acontece.

Aconteceu comigo, até que descobri que a causa dessas pragas pode ser falta de adubo e/ou excesso de água e que o combate pode ser feito com leite.

Certo dia, conversando com uma amiga em um viveiro de plantas, ela me deu essa dica incrível que repasso aqui.

Para acabar com essas pragas e deixar suas plantas saudáveis, basta colocar 100 ml de leite (cru) em 900 ml de água e pulverizar bem as plantas. Detalhe, observei que o uso regular do leite (a cada 15 dias) ajuda a evitar pragas e dá mais vigor às plantas.

Outra experiência que fiz e gostei foi acrescentar uma colher de cinza à mistura, deixar descansar por uns 30 minutos e coar antes de colocar no pulverizador.

Experimente, você vai amar o resultado!



**Lucía Resende**  
Professora

 @mluciares



Foto: Acervo familiar

## SEU GURI: HERÓI SEM MEDALHA

Geremias Ferreira Gontijo

Se vivo fosse, Pedro de Alcântara Gontijo, o “Seu Guri”, como era conhecido, estaria completando 97 anos. Esse mineiro de coração goiano tornou-se personagem icônica na vida de todos aqueles que conviveram com ele.

De personalidade forte, sempre se posicionava com firmeza em qualquer situação. Defendia suas ideias sem titubear. Não gostava de extremismos e apoiava todos os movimentos em prol da democracia e da liberdade de expressão.

Faz pouco mais de um ano que ele se foi. Pelo seu histórico e pela sua resiliência, acreditava-se que chegaria aos 100 anos. Era como uma Fênix, quando tudo parecia ter acabado, ele ressurgia das cinzas e seguia adiante. Passou por muitas dificuldades. Venceu um câncer que parecia invencível e sobreviveu por mais de trinta anos.

Não conseguiu atingir seu centenário como gostaríamos. Como todo vivente, foi ao encontro do único mal irremediável e cumpriu a ordem natural do universo. Partiu desta dimensão por causas naturais. Não dá para dizer que foi cedo demais. Viver mais de 95 anos e com lucidez foi uma dádiva.

Seu Guri foi um herói sem medalha. Um pioneiro empreendedor que arriscou tudo em uma época de incertezas. O ano era 1955, e mesmo sem nunca ouvir falar no célebre PND de Juscelino Kubitschek: “cinquenta anos em cinco”, que mudaria os rumos da nação, ele, como um verdadeiro bandeirante, lançou-se numa epopeia migratória insana. Deixou seu torrão natal, Bom Despacho MG, e arribou por estas bandas, como quem ia ao encontro da terra prometida, sem medo de ser feliz.

Partiu para buscar os seus sonhos. Ser dono da própria terra. E, assim como JK, também se encantou pela magia do Planalto Central. Vislumbrou que ali ainda viria a ser um dos celeiros do mundo. Adentrou em uma nova fronteira, encarou uma terra inóspita, sem recursos, onde a natureza selvagem era tudo que existia.

Como todo sertanejo do lugar, aprendeu a se defender como podia. Lavrar a terra e conviver com animais silvestres de grande periculosidade fazia parte do seu dia a dia. Ajudou a desbravar a região, construindo estradas e abrindo clareiras nas matas para plantar. Não havia máquinas, tudo era feito à mão. Na foice, no machado e na enxada. Era um peão e precisava sobreviver.

Sempre dizia: “crise só se vence com produção”. E ele produziu. Não abdicou de seus objetivos, e seu lema era: “se você não pode ser o maior, procure ser o melhor”. E assim o fez. Numa época de grande demanda por produção de alimentos em torno da nova capital, ele se tornou referência como criador de suínos e produtor de leite, e também foi pioneiro em confinamento de bois para abastecimento de carne na entre safra. Gostava de dizer: “não fiz tudo que queria, mas fiz o que pude e está tudo certo, sou grato”.

Ao seu lado, por mais de 72 anos de casamento, sempre esteve Dagmar Ferreira Gontijo, a Dona Dag, sua esposa e companheira de jornada. Dificilmente teria conseguido sem ela. Criaram doze filhos e ainda tiveram a generosidade de adotar mais uma. Desses, vieram mais 31 netos (2 *in memoriam*) e 31 bisnetos. Constituíram a prole numerosa, que tem no seu legado o verdadeiro baluarte da vida familiar.

Sua presença ainda continua muito forte nos lugares por onde passou. Suas ideias ainda repercutem entre aqueles que o conheceram. Ele se foi, mas sua memória continuará por muitas gerações. É como ele sempre dizia: “quem muito viaja uma hora chega, já viajei muito e minha jornada está no fim, mas os meus rastros ainda vão permanecer aqui por muito tempo”.



**Geremias Ferreira Gontijo** – Pecuárta, é filho do seu Guri e segue a jornada do pai. Além disso, é professor na Secretaria de Estado de Educação do DF.

# O TEMPO PASSOU, A PANDEMIA NÃO.

## CONTINUE SE PROTEGENDO CONTRA A COVID-19.

O coronavírus continua fazendo vítimas no mundo todo e em nossa cidade também. Não é hora de deixar de lado os hábitos de proteção. Proteja sua vida, da sua família e de todos os formosenses seguindo as medidas de saúde.



Evite aglomerações.



Use máscara o tempo todo.



Mantenha distância de 2 m.



Faça a higiene das mãos.



Se for possível, fique em casa.

[formosa.go.gov.br/coronavirus](https://formosa.go.gov.br/coronavirus)



PREFEITURA  
**FORMOSA**



# CONSERVA DE CEBOLA

Lucia Resende

A cebola passa longe de ser unanimidade, mas, além de saudável, é extremamente versátil.

Um bom jeito de consumir é em conserva, à moda antiga. Dessa forma, ela perde a acidez que incomoda muita gente e cai no gosto até da meninada. Vai bem com carne assada, na salada ou de qualquer forma que o paladar aprovar. É fácil, vamos lá?

## Ingredientes

1 kg de cebolas pequenas  
1 dente de alho  
Pimenta-do-reino em grão a gosto  
1 ½ xícara de vinagre branco  
1 colher de sobremesa de sal  
1 galho de erva de sua preferência  
(ou uma pitada de ervas secas)  
Azeite de oliva

## Modo de fazer

Descasque cuidadosamente as cebolas, pra não “ferir”. Coloque em uma vasilha, cubra com água e ferva rapidamente. Escorra numa peneira e coloque debaixo da torneira de água fria, pra um choque térmico. Ajeite as cebolas num vidro, com o galho de erva (na da foto, usei salsa e cebolinha, mas pode ser tomilho, alecrim, sálvia, enfim, a de sua preferência), acrescente o sal, a pimenta-do-reino, o dente de alho. Por último despeje o vinagre, a água e cubra com azeite. Para durar mais, pode ser mantida em geladeira.



**Lúcia Resende**  
Professora

 @mluciacres



# UM DEZEMBRO DE RETROCESSO E DE SAUDADES

Angela Mendes

No ano em que meu pai foi assassinado, eu estava com dezoito anos e grávida, esperando Angélica Francisca, a minha primeira filha. Como a gente não tinha uma convivência contínua, com ele na luta, e eu aqui em Rio Branco, eu achava que talvez não fosse sentir tanto aquela morte anunciada que ele mesmo sabia que estava por acontecer.

Mas quando meu pai morreu foi horrível, e até hoje pra mim não é nada fácil falar disso, porque ainda me toca muito. Foi como se o chão tivesse fugido dos meus pés. Entrei em um buraco de desespero por não compreender como uma pessoa tão querida como o meu pai podia ser morta daquela forma tão covarde.

O destino separou meu pai de mim muito cedo. Ele se casou com minha mãe em 1967 ou 1968, não sei ao certo, e a situação financeira deles era tão precária, de extrema pobreza mesmo. Ele já estava envolvido no Movimento, e eles não tinham nenhuma renda. Eles só tinham a mim e à minha irmã, que veio a falecer com 11 meses de vida, devido à precariedade do local onde a gente vivia, muito distante da cidade e sem condição de tratamento médico.

Depois de algum tempo, tive que vir morar com outros familiares em Rio Branco, porque a situação era difícil. Ai meu pai se separou de minha mãe, e o destino nos separou a todos. Mas desde pequena eu sempre tive contato com o meu pai, porque ele sempre vinha me ver quando passava por Rio Branco.

Nosso último encontro foi justo na semana do assassinato dele, porque ele veio me ver quando chegou de viagem, antes de voltar pra Xapuri. Mas até hoje, a cada momento em que penso, em que falo sobre ele, em que ouço o nome dele, passo pelo sofrimento de 32 anos atrás.

Sinto muita falta das nossas brincadeiras, do carinho que a gente tinha um pelo outro, da vontade que a gente tinha de ter uma convivência diária. Nas vindas dele a Rio Branco e nas minhas idas a Xapuri - naquele ano de 1988 eu tinha passado as minhas férias com ele -, a gente foi criando laços muito fortes.

A última vez que nos vimos, nossa despedida foi de muito carinho, de muita compreensão e, de repente, pronto: eu descubro que não vou vê-lo nunca mais.

Depois da morte do meu pai, eu me juntei ao Movimento e fui trabalhar no Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), a convite da Júlia Feitoza e da Rosa Roldán, que foram duas pessoas que cuidaram de mim e me deram muita força no momento em que eu mais precisei.

Do CTA eu vim para o Comitê Chico Mendes, do qual hoje sou presidenta, e onde faço um trabalho que me orgulha muito. Primeiro, porque estou perto das pessoas que foram amigas do meu pai e, segundo, porque lutamos para preservar a memória do meu pai, para que o legado dele não seja nunca esquecido.

Todos os anos, realizamos a Semana Chico Mendes, de 15 a 22 de dezembro, do dia em que ele nasceu ao dia em que ele morreu, para continuar mobilizando a sociedade em torno das lutas e dos sonhos do meu pai.

Minha filha, minha família e eu estamos fazendo a nossa parte para fortalecer as propostas de desenvolvimento sustentável que meu pai deixou como legado. Sei que nesse momento parece um projeto impossível, mas acho que seria justo o Acre e o Brasil também fazerem a parte deles, criando uma alternativa econômica ambientalmente saudável e socialmente viável para os povos que continuam vivendo na floresta e da floresta.

Um bom presente para honrar a memória de meu pai nesses 32 anos da morte dele seria alguém anunciar que não vai ter redução da Reserva Chico Mendes, que, ao contrário, novas reservas extrativistas serão demarcadas; que não vai ter expulsão de índio de suas próprias terras, que, ao contrário, os garimpeiros vão ser retirados das reservas indígenas; que alguém vai investir em tecnologia, nos estudo das plantas, porque na floresta tem muito óleo, muita seiva, muita semente, recursos naturais renováveis em abundância.

Esse é o presente que o meu pai merecia ganhar neste dezembro de retrocesso e de saudades.



**Angela Mendes** - Ambientalista.  
Presidenta do Comitê Chico Mendes.

# SINDICATO



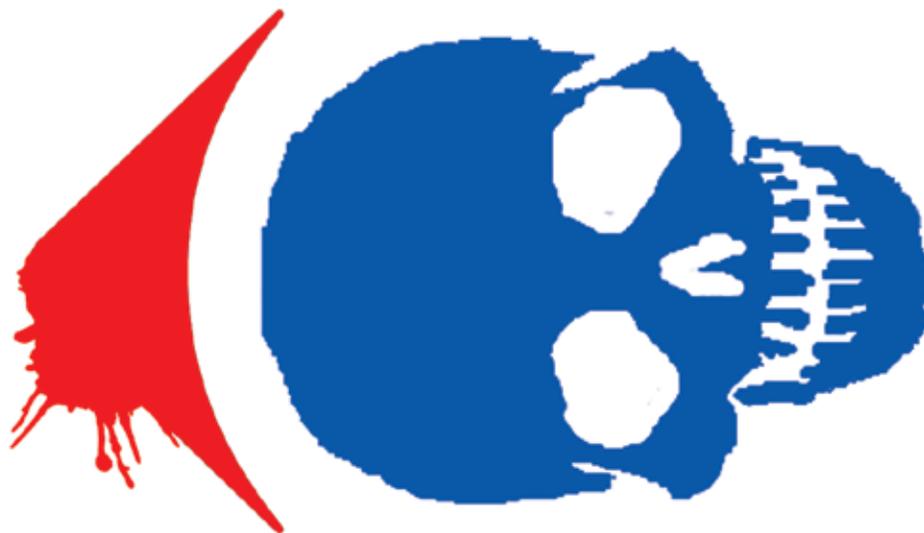
## DOS TRABALHADORES RURAIS DE XAPURI - ACRE

MEMÓRIA



Foto: Acervo Comitê Chico Mendes





# O *MODUS OPERANDI* DO CARREFOUR E A NECESSIDADE DE COMPENSAÇÃO DE DANOS

Marcelo Gentil

Em 2015, três megaempresas de mineração: Vale, Arcelor e Samarco, foram obrigadas, por resolução da chamada CPI do pó preto, instaurada pela Assembleia Legislativa do Espírito Santo, a fazerem compensações e reparações urgentes pelos danos ambientais e coletivos causados ao meio ambiente e à população do Estado.

A compensação ambiental representa um importante mecanismo legal, para que empresas que causem grandes prejuízos ao meio ambiente e, por conseguinte, à população corrijam, minimizem, compensem e/ou reparem os males causados. Todavia, alguns desses impactos algumas vezes são irreversíveis, notadamente aqueles associados a passivos ambientais de largo alcance. Quando isso acontece, a lei nº 9.985/2000 determina que tal compensação se dê por meio do investimento de recursos financeiros para a manutenção ou criação de unidades de conservação.

No geral, as empresas que têm sido obrigadas a fazerem tais compensações são aquelas que operam, corriqueiramente, nos termos do que foi flagrado em um grampo telefônico da cúpula do governo de FHC de atuação – “no limite da nossa irresponsabilidade” –, causando danos ao meio ambiente e às vidas humanas. Como exemplos trágicos dessa prática, vide o caso dos recentes rompimentos das barragens de Mariana em 2015 e de Brumadinho em 2019.

Em outro campo, sem relação direta com as questões ambientais, a multinacional francesa,

Carrefour, vem, ao longo dos anos de sua atuação em solo brasileiro, causando danos gravíssimos à vida, ao bem estar psicológico e à autoestima da população negra brasileira. Lastimavelmente, os casos que comprovam isso são muitos. Para fins deste texto, listemos apenas alguns, a título de dolorosa ilustração:

1. Em agosto de 2009, o servidor da USP, Januário Alves de Santana, foi barbaramente espancado por um grupo de cinco seguranças de uma loja da rede Carrefour em Osasco/SP. Januário foi acusado de tentar roubar um carro, estacionado em uma área interna do supermercado. O detalhe: o carro era de propriedade do próprio Januário. A imprensa informa que, segundo a direção da rede, tudo não passou de um mal entendido entre o cliente e a equipe de segurança. Depois de muitos protestos e ampla repercussão nos meios de comunicação, o supermercado rompeu o contrato com a empresa prestadora dos serviços de segurança, como fez agora neste caso de João Alberto Silveira Freitas.

2. No Distrito Federal, o Carrefour foi condenado a indenizar uma família em 10 mil reais, por um dos membros da sua equipe operacional ter queimado com a bituca do seu cigarro o pé de um pequeno bebê no ano de 2015, ato que provocou queimadura de segundo grau, em função da sensibilidade da pele da criança, de apenas 7 meses.



3. Entre 2017 e 2018, uma mulher negra e lésbica – dependente química em recuperação – teria sido flagrada furtando um bolinho de bacalhau em uma loja do Carrefour na Zona Oeste do Rio de Janeiro e foi torturada por seguranças do estabelecimento com um pedaço de madeira e depois empalada pelo ânus, como forma de castigo.

4. Em 2018, um homem – pessoa com deficiência – que abriu uma lata de cerveja no interior da loja, mesmo alegando que passaria no caixa a fim de efetuar o pagamento, foi agredido por empregados da loja Carrefour no ABC paulista. Esses funcionários agressores não eram da área de segurança. A empresa se desculpou e informou que afastou os envolvidos.

5. Isso sem falar no ato de extremo mau gosto e insensibilidade ocorrido em agosto deste ano, com a morte por mal súbito de um empregado de uma loja do Carrefour em Recife, Moisés Santos. Ao invés de fecharem a loja – sinal mínimo de respeito, como era de se esperar em um caso como esse – a empresa optou por cobrir e esconder o corpo de Moisés sob guarda-sóis e caixas de cervejas e de papelão. O fato pode até mesmo ser considerado como vilipêndio a cadáver, portanto, tipificado como crime pelo artigo 212 do Código Penal Brasileiro e, como tal, a empresa também poderá ser punida.

6. Em setembro de 2020, a agora ex-empregada de uma das lojas da rede no Rio de Janeiro, Nataly Silva, foi obrigada a passar pelo constrangimento de ter que ler em alguns aventais de colegas, a frase: “só pra branco usar”. Ao denunciar o ato de racismo, a empresa tratou o gravíssimo evento como “mi, mi, mi” e, pasme-se, qual foi a decisão da empresa? Nataly foi demitida.

A última das barbaridades cometidas por prepostos da rede ocorreu na véspera do Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro de 2020, quando dois homens brancos, seguranças do supermercado, um deles soldado temporário da Brigada Militar gaúcha – portanto, atuando irregularmente na função de vigilante –, assassinaram covardemente com murros no rosto e estrangulamento, por meio do famoso golpe mata-leão, João Alberto Silveira Freitas. O ato insano foi filmado e cronometrado com a duração de macabros 5 minutos e 20 segundos.

Nesse cenário de horrores, em Porto Alegre, além dos dois assassinos diretos, estavam outros/as empregados/as da loja. Uma delas, inclusive, flagrada tentando intervir, não para sanar as agressões, mas, sim, para ameaçar

as pessoas que testemunhavam as cenas de barbárie, pedindo para que não filmassem os atos covardes e assassinos.

Mais um *press release*, mais uma vez a empresa afirma que não compactua com esse tipo de fato – que não é nada isolado – e suspendeu o contrato com o Grupo Vector, empresa responsável pelo fornecimento dos serviços de segurança para a Rede Carrefour em Porto Alegre, Extra, Atacadão, Walmart e Lojas Americanas.

Depois da perpetração dessa jornada de tanta violência, tendo como “gota d’água” mais recente a morte de João Alberto, um homem negro, a empresa tenta se redimir por meio de um mix entre jogada de marketing e gerenciamento de crise e anuncia publicamente que vai criar um fundo, com aporte inicial de 25 milhões de reais, para combater o racismo no Brasil.

Não dá pra negar que a criação de tal programa seja importante. Todavia, a criação desse fundo, por si só, se administrado única e exclusivamente pela própria empresa (o que é direito dela), certamente não será capaz de transformar o comportamento do material humano que conforma a rede multinacional. Será, como se fala no adágio popular, “apenas para inglês ver”. Neste caso, para franceses verem.

É importante que entre as estratégias de superação do racismo institucional e estrutural arraigados na empresa esteja o desenvolvimento de políticas de ações afirmativas e cotas étnico-raciais voltadas para o “andar de cima” da carreira, como está fazendo inteligentemente o Magazine Luiza.

Tão importante quanto, é preciso que essas estratégias contem com a participação direta de especialistas (pessoas físicas e organizações da sociedade civil) que, ao longo de décadas, têm dado sólidas contribuições sobre o tema.

Essas organizações, por meio do desenvolvimento de seus inúmeros projetos e entregas de políticas públicas abrangentes, têm conseguido levar o Estado brasileiro a criar programas, políticas, ações e legislações voltadas para mitigar as seculares desigualdades sociorraciais e inserir de forma qualificada o povo afro brasileiro nessa sociedade; a mesma sociedade que, apesar dos esforços exitosos, infelizmente continua a tratar e a julgar as pessoas pela cor da pele.



**Marcelo Gentil** – Historiador. Licenciado em História pela UCSAL. Especialista em Gerência Social para Afrodescendentes da América Latina e Caribe (INDES/BID-EUA), foi diretor de Estudos, Projetos e Pesquisas da Fundação Palmares/Minc e é vice-presidente do Bloco Afro Olodum

## **Bancos lucram R\$ 53 bilhões em 9 meses. Mas demitem 12 mil trabalhadores na pandemia**

Os cinco maiores bancos do país (Banco do Brasil, Bradesco, Caixa, Itaú e Santander) tiveram lucro líquido de R\$ 53,4 bilhões apenas nos nove primeiros meses de 2020.

Em março, os bancos assumiram o compromisso público de não demitir ninguém enquanto durasse a pandemia.

Mas eles não cumpriram a palavra. Principalmente os bancos privados, já demitiram em nove meses 12 mil bancários. Em plena pandemia.

São pais e mães de família que vão aumentar o exército de mais de 14 milhões de desempregados.

Assim o setor mais lucrativo da economia brasileira contribui para aumentar a crise e a desigualdade do Brasil, o país com a segunda maior concentração de riqueza do mundo.

**#QuemLucraNãoDemite**

**BANCOS, PARE**

**#QU  
LUC  
NÃO  
DEM**



**Bancos de ver  
com suas resp**

Campanha Contra as Dem

EM DE DEMITIR

QUEM  
CRA  
O  
MITE

de cumprem  
responsabilidades.

missões dos Bancos Privados



E SINDICATOS





# LIÇÕES DO PAU-BRASIL: OS CRIMES AMBIENTAIS

————— José Ribamar Bessa Freire

***Se Portugal criar sete ou oito povoações no litoral, isso será suficiente para impedir os da terra de vender o pau-brasil e, não o vendendo, as naus [francesas não hão de querer lá ir para voltarem vazias.***

(Carta de Diogo de Gouveia a D. João III, 1532)

## PAU DURO

O ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, por desconhecer a história do Brasil, não mostrou ao “Trump de Igarapé” a carta de Diogo de Gouveia a D. João III sobre o contrabando do pau-brasil. Escrita em 29 de março de 1532, sua leitura agora nos pouparia de mais uma besteira que envergonha e submete à chacota internacional a nós, brasileiros.

O ex-capitão declara hoje aquilo que desdiz amanhã, acobertado com panos quentes pelo gen. Mourão, seu vice. Na terça-feira (17 de novembro), na cúpula do Brics, Bolsonaro ameaçou se vingar dos críticos da política ambiental de seu governo, responsável pelo aumento do desmatamento na Amazônia: “Estaremos revelando nos próximos dias países que têm importado madeira extraída de forma ilegal da Amazônia”.

Num foro internacional, ele foge de sua responsabilidade e atribui a culpa a os “outros”. No dia seguinte, a *Folha de São Paulo* abriu manchete: “Europa comprou madeira ilegal do Brasil, indica PF”. Mais informativo seria inverter: “Brasil vendeu madeira ilegal para a Europa”.

Nos dois casos, porém, haveria equívoco: quem comprou não foi **a Europa**, mas empresas ali sediadas. E quem vendeu não foi **o Brasil**, mas madeireiros criminosos. Se “os da terra” não tivessem vendido, compra não haveria. Dois só negociam quando os dois querem. É como briga.

Advertido pela besteira, Bolsonaro recuou dois dias depois, mas mesmo assim insistiu incriminando **a França** e calou sobre a fiscalização pelo seu governo dos crimes ambientais cometidos aqui dentro. O que fazer para impedir que “os de dentro” estuprem a floresta e prejudiquem o país? Qual lição podemos tirar hoje da política relacionada à exportação do pau-brasil no período colonial?

O pau-brasil, abundante no litoral, era usado para tingir algodão e lã e foi declarado monopólio real da Coroa Portuguesa. As feitorias, que pagavam a “vintena do imposto”, exploravam os índios submetidos a cruel sistema de trabalho e predavam a Mata Atlântica.

Os navios regressavam a Portugal carregados de toras da árvore que tinha dois nomes em línguas indígenas: *ubiratã* (pau duro) grafado como *orabutã*, segundo o frade francês André Thevet e *ibirapiranga* (pau vermelho) no dizer de Handermann, historiador alemão do séc. XIX. No entanto, os portugueses, que conheciam árvore semelhante nas Índias Orientais “com cor de brasa”, a denominaram de pau-brasil.

A nova região da América batizada pelos reis católicos de Terra de Vera Cruz ou Terra de Santa Cruz ficou conhecida pelo mundo comercial europeu como Terra do Pau-Brasil, logo encurtado para Brasil, nome que substituiu o pau-duro e o pau-vermelho dos índios e a santa cruz dos portugueses, caídos no esquecimento como aprendemos desde o ensino fundamental. Prevaleceu assim a denominação do mercado, considerada por alguns autores como “inspirada pelo demônio, pois a miserável madeira não compensa o sangue derramado para a salvação de nossas almas”.

De olho neste comércio, os navios franceses começaram a piratear o pau-brasil. Portugal protestou. Mas diante do fracasso das negociações diplomáticas com a França, a pólvora substituiu a saliva, não foi, Ernesto? Não, não naquele momento. E é aqui que entra Diogo de Gouveia, teólogo e padre, reitor do Colégio Santa Bárbara em Paris, que era uma espécie de embaixador de Portugal na França. Ele recomenda ao D. João III que controle e fiscalize

a faixa costeira, criando ali povoações, o que foi feito, dando origem às capitanias hereditárias.

A grande lição para os dias atuais é que, se queremos abortar a compra de madeira ilegal, temos que impedir a sua venda – o que é incumbência do Estado brasileiro. Basta um rígido controle pelos órgãos fiscalizadores da administração federal, multas e punição exemplar para os criminosos, que só pensam em enriquecer, destruindo a floresta em prejuízo do Brasil e do planeta, como já sinalizava o “pai da historiografia brasileira”, Frei Vicente do Salvador, nascido na Bahia em 1564:

*Uns e outros usam da terra, não como senhores, mas como usufrutuários, só para a desfrutarem e a deixarem destruída. Donde nasce também que nenhum homem nesta terra é repúblico, nem zela ou trata do bem comum, senão cada um do bem particular. A primeira coisa que ensinam é: papagaio real para Portugal, porque tudo querem levar para lá.*

### **O TRAPACEIRO E O VASELINA**

Portugal se lixava para a vida dos índios e da floresta. Queria enriquecer. D. Manuel, o Venturoso e D. João III, o Piedoso, usaram na monarquia mecanismos de fiscalização, o que na “república” não fizeram Jair, o Trapaceiro, e Mourão, o Vaselina. Hoje é possível rastrear a madeira através da análise das moléculas de hidrogênio, carbono e enxofre, que identifica a origem do material.

Apesar disso ficou mais fácil desmatar a floresta depois que, em fevereiro, o presidente do Ibama, Eduardo Bim, dispensou a necessidade de autorização específica para que empresas de outros países importassem madeira extraída no Brasil. Quem discordou da medida foi André Teixeira, coordenador do monitoramento do uso da biodiversidade e comércio exterior que, por isso, foi demitido por Ricardo Salles, “ministro do desmatamento”. Além disso, agentes do órgão foram proibidos de punir os madeireiros infratores. Enfim, a “boiada passou”, aproveitando a pandemia do coronavírus.

Há dois meses o Exército brasileiro realizou a Operação Amazônia, com 3.600 militares e o uso de viaturas, aviões, helicópteros, balsas, barcos regionais, *ferry-boats*, além de canhões, metralhadoras, morteiros, obuses e munição, numa megaoperação, cujo custo oficial foi de R\$ 8,9 milhões.

Essa bufunfa toda foi gasta para impedir crimes ambientais? Não. Foi uma mera simulação de guerra entre o “país azul” contra fantasmagóricas tropas estrangeiras do “exército vermelho” invasor. Uma brincadeira cara que ignorou o desmatamento.

Se Jair, o Trapaceiro, sabe quem comprou madeira ilegal do Brasil, por que não denunciou os compradores e puniu os vendedores? Por que não informou que, em 2019, apenas o percentual de 0,02% das toras foi exportado para a Europa? Que a maior parte dessas madeiras seguem para as serrarias e se destinam ao

mercado interno, não à exportação? Se continuar o desmatamento da Amazônia, o grito do Exército vai mudar de “selva” como é hoje para “deserto” – comentou alguém nas redes sociais.

“Para mim não há racismo no Brasil. Há nos Estados Unidos onde morei” – diz Mourão, o Vaselina, vice-presidente da República. Portanto, a discriminação sofrida no Brasil pelas “pessoas de cor” – como ele denomina – é um tratamento correto e não deve ser combatida, porque não se combate o que não existe.

É isso que eles querem: barrar a luta antirracista. Mourão só faltou acrescentar a fala do comerciante português da rua do Acre, no Rio, que, entrevistado por um jornalista americano, confirmou: “No Brasil não há racismo como nos Estados Unidos. Aqui, graças a Deus, o preto reconhece o seu lugar”.

Jair, o Trapaceiro, diz que os protestos do movimento antirracista contra assassinatos covardes é que são responsáveis pela violência. Ele considera vandalismo o quebra-quebra promovido por pessoas revoltadas com a lentidão e às vezes conivência do Poder Judiciário para punir criminosos fardados ou não. Mas se cala diante de mais um negro assassinado.

Quando Preta Gil indagou a ele como reagiria se um dos zeros filhos seus namorasse uma negra, ele respondeu: “Preta, eu não corro esse risco, meus filhos foram muito bem educados. E não viveram em ambiente como lamentavelmente é o teu”. Muito bem educados: Queiroz e as rachadinhas que o digam.

Vergonha e indignação por ser governado por quem é racista, homofóbico e se gaba de ser contrário à ciência. Queremos Estadistas. Já não importa se são de direita. Estadistas e não a escória e os dejetos do Brasil que flutuam na arena do poder.

P.S. Tentei trocar o tema da crônica. Não deu. Não sai palavra. Só palavrão. João Alberto, assassinado no Dia da Consciência Negra no mercado Carrefour de Porto Alegre, pode descansar em paz. Nós não descansaremos enquanto o crime racista não for exemplarmente punido.



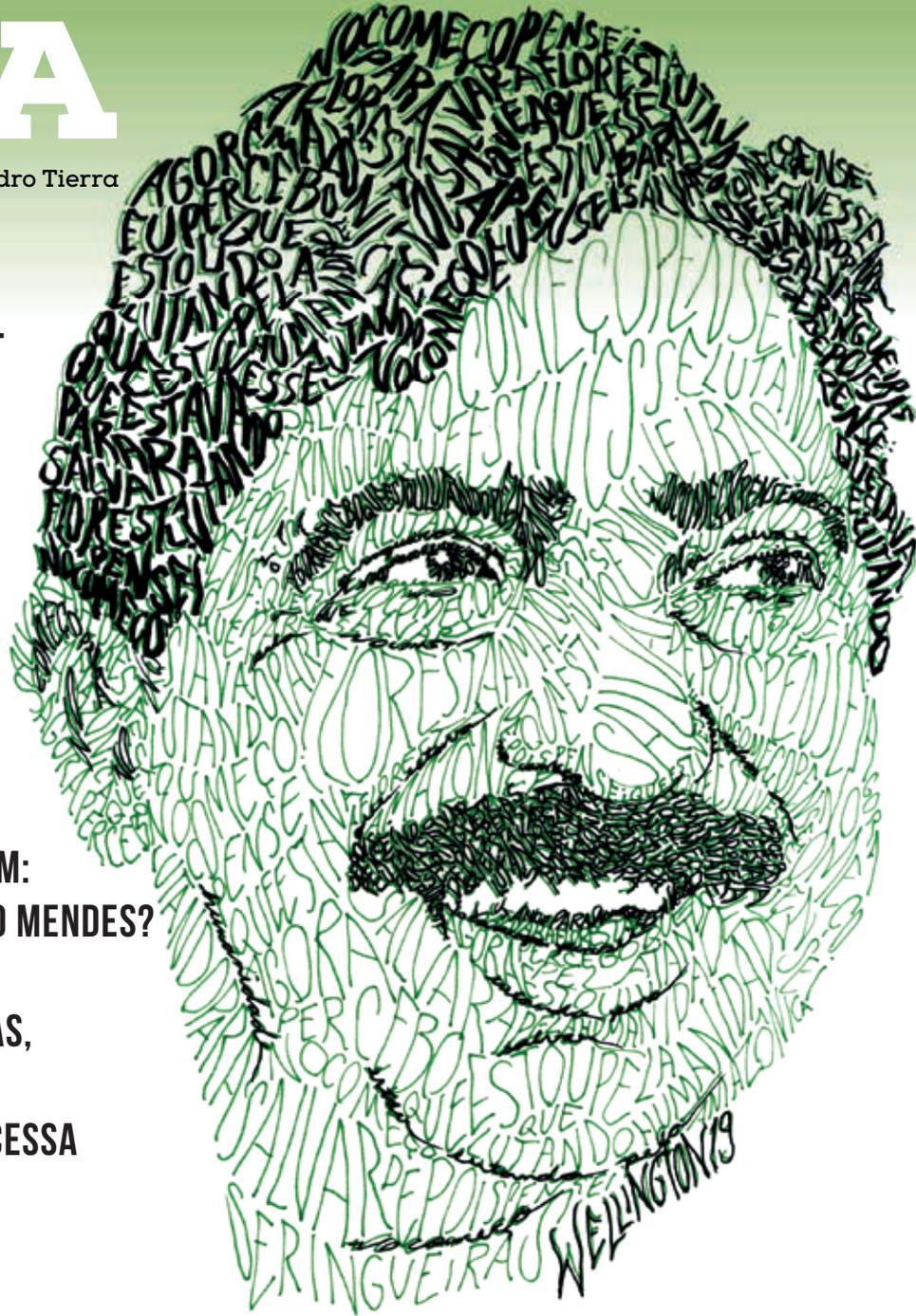
**José Ribamar Bessa Freire** –  
Escritor. Gestor do site  
[www.taquiprati.com.br](http://www.taquiprati.com.br)



# O GRITO VERDE QUE ANDA

Pedro Tierra

FRANCISCO. CHICO. CHICO MENDES.  
 SERINGA. SERINGUEIRO. SERINGAL.  
 LEGIÃO DE HOMENS E SONHOS.  
 VERDE ROMPENDO O VERDE.  
 PUNHAL Aceso NA MEMÓRIA  
 DA ÁGUA, DA PEDRA, DA MADEIRA.  
 DOS HOMENS?  
 A SUMAÚMA, A SERINGUEIRA,  
 A PEDRA DO MONTE RORAIMA,  
 O SANGUE QUE MINA DO TRONCO  
 NOS SERINGAIS DE XAPURI INDAGAM:  
 ONDE A SOMBRA EXILADA DE CHICO MENDES?  
 ORGANIZADOR DOS VENTOS GERAIS  
 QUE COMBATEM DEPOIS DAS CERCAS,  
 DE TODAS AS CERCAS DA TERRA...  
 CHICO: UM GRITO VERDE QUE NÃO CESSA



**Pedro Tierra** -  
Poeta da Liberdade.



# RADUAN NASSAR: O MAIOR DE TODOS

Jaime Scutchuk

Pindorama, na linguagem de indígenas dos Andes peruanos, quer dizer “terra das palmeiras” e é como eles se referem ao Brasil. Inspirado nisso, o poeta maranhense Gonçalves Dias escreveu “Canção do Exílio”, sua obra-prima, que a gente decorava e declamava na escola, e abre com esta estrofe:

*Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o Sabiá  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.*

Pindorama é uma palavra sonora, que lembra poesia. Mas é, também, o nome de uma pequena e encantadora cidade do Oeste de São Paulo, onde nasceu e passou a infância o escritor Raduan Nassar – maior nome da literatura contemporânea em solo auriverde. De carreira meteórica, trocada há 30 anos pela de agropecuarista, ele acaba de doar sua fazenda e outros bens, no município de Buri, à Universidade Federal de São Carlos.

Sua obra completa se resume a dois romances (Lavoura Arcaica e Um Copo de Cólera), publicados

em 1975 e em 1978, e umas poucas dezenas de contos, publicados esparsamente nesse período. Isso é pouco, mas é muito, pois são obras que revelam um estilo próprio, muito forte, e uma narrativa intrigante, com extremo cuidado no manejo da Língua Portuguesa.

Ele começou a escrever aos 40 anos e, cinco anos depois, já famoso e publicado em muitas línguas, no mundo inteiro, ele concedeu uma entrevista ao jornal *Folha de São Paulo* e anunciou que iria largar a Literatura e mudar de atividade. Evitou dar muitas explicações sobre suas razões, dizendo que passava a se preocupar com máquinas agrícolas, implementos, sementes e essas coisas. E, por nosso azar, cumpriu a promessa.

Com muitas referências bíblicas e religiosas que enriquecem sua construção, *Lavoura Arcaica* trata do profano e do sagrado como opostos e complementares. Embora o ato de retornar seja fundamental na história original do filho pródigo, no romance ele já representa um elemento de subversão da parábola pela forma com que é abordado. O rompimento com os moldes da história



bíblica se faz presente desde o início pela linguagem criada por Nassar para o relato de André.

Narrado em primeira pessoa, o livro adota um idioma próprio, muito além da linguagem poética já conhecida, contendo nela própria a rebeldia do filho fugitivo. Mais do que pelos quilométricos períodos e pela inusitada pontuação, a expressão adotada pelo personagem André destoa da simplicidade sempre estimada por seus familiares através do ajeitado desordenamento que nela imprime traços de requinte formal

Muitos fatores ajudaram na divulgação da obra, inclusive o cinema. Falo da magistral adaptação cinematográfica do livro, dirigida por Luiz Fernando Carvalho em 2001, inspirada nos princípios barrocos de proporção e da contraposição escuridão/luz para reproduzir no filme os contrastes tão importantes em *Lavoura Arcaica*. Em certa medida, o romance de Nassar é uma confissão sincera – e não necessariamente arrependida – e blasfemadora de André, a ovelha que se revolta contra a onipotência de um deus, que lembra seu pai sentado à mesa nas refeições.

## VIDA INTENSA

Raduan Nassar nasceu em 22 de dezembro de 1935. Era o sétimo filho do casal de imigrantes libaneses João Nassar e Chafika Cassis. Seus pais haviam se casado em 1919, numa pequena aldeia do sul do Líbano e em 1920 emigraram para o Brasil. Seu pai se junta a parentes que já estavam aqui e se inicia no ramo do comércio, em várias localidades, até que, em 1923, foram morar em Pindorama e lá seu pai abre uma venda, que posteriormente seria transformada em uma loja de tecidos, a Casa Nassar.

Em 1943, Raduan ingressou no Grupo Escolar de Pindorama. Expansivo e de ótima memória, ele era frequentemente chamado a recitar poesias nas datas comemorativas, mesmo com sua dificuldade em pronunciar corretamente o “r” fraco. Segundo ele, neste ano tem “uma das melhores alegrias da infância” de que se lembra, ao ganhar um casal de galinhas-de-angola do pai.

Tornou-se coroinha em 1946, após dois anos do início de sua fase de fervor religioso que o levava a ir à missa todos os dias, pra comungar. Nesse ano, sentado na varanda de sua casa, livra-se definitivamente do “trauma” do “r” fraco, ao tentar decorar o Hino à Bandeira (cantando inúmeras vezes o verso “Salve lindo pendão da esperança”).

Ficou doente novamente, mas no ano seguinte reinicia o curso ginásial na vizinha cidade de Catanduva e começa a trabalhar com o pai na loja, durante o dia, e indo à escola à noite. Lá, tinha como professora de português sua irmã Rosa e, orientado por ela, começa a ler clássicos brasileiros como parte do currículo escolar. Com sua assistência também, faz consideráveis progressos no aprendizado da língua, em casa.

Com loja na capital, Raduan segue ao lado do pai durante o dia e, em 1955, ingressa na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP). Nesses dois cursos, conhece quatro outros estudantes que tinham projetos literários e forma com eles um grupo de estudos que se reunia uma vez por semana, pra debater literatura.

No ano de 1958, Raduan praticamente interrompe o curso de Filosofia, restringindo sua frequência a uma única disciplina (Sociologia). No ano seguinte, decide a se dedicar integralmente à literatura, abandona o curso de Direito (estava no último ano) e atende só com trabalhos ao curso de Estética na Faculdade de Filosofia. Nesse período, deu uma volta pelo Canadá e Estados Unidos, mas voltou ao Brasil e concluiu o curso de Filosofia. Recusou vaga de professor na USP de São José do Rio Preto após o golpe militar de 1964.

Em mutação constante, em 1967 fundou, com os amigos do grupo de estudos, o semanário *Jornal do Bairro*, iniciando sua carreira no jornalismo. Apesar de regional, o jornal dedicava parte de seu espaço a textos referentes à política nacional e internacional, e chegou a tiragens de 160 mil exemplares.

Passou a participar da leitura comentada que a família fazia do Novo Testamento. Ao mesmo tempo, retomou as leituras do Velho Testamento e do Alcorão (esta iniciada em 1968). Em 1973 conheceu a professora Heidrun Bruckner, do Departamento de Línguas Germânicas da USP, que viria a se tornar sua mulher. Em 1975, com a ajuda financeira do autor, a José Olympio publicou *Lavoura Arcaica*.

No governo de Dilma Rousseff, em maio de 2016, o júri do Prêmio Camões, dos governos do Brasil e de Portugal, tido como o mais importante prêmio literário da língua portuguesa, escolheu Raduan Nassar. Em fevereiro de 2017, durante a cerimônia de entrega do prêmio, o escritor agradeceu a Portugal e, em seguida, fez de sua fala um libelo contra o governo golpista de Michel Temer, acusando-o de repressor – “contra o trabalhador, contra aposentadorias criteriosas, contra universidades federais de ensino gratuito, contra a diplomacia ativa e altiva de Celso Amorim” e de ser “atrelado ao neoliberalismo com sua escandalosa concentração da riqueza, o que vem desgraçando os pobres do mundo inteiro”.

Em resposta, o então ministro da Cultura do Brasil, Roberto Freire, abandonou o discurso preparado e rebateu as críticas do escritor, ao som de gritos de “fora, Temer”. Raduan foi defendido por outros escritores presentes.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor

# POR QUE TANTO MEDO ASSIM DE UMA QUEDA?

---

Ailton Krenak

O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder. Parece que todos os artifícios que foram buscados por nossos ancestrais e por nós têm a ver com essa sensação.

Quando se transfere isso para a mercadoria, para os objetos, para as coisas exteriores, se materializa no que a técnica desenvolveu, no aparato todo que se foi sobrepondo ao corpo da mãe Terra.

Todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infundável, fluxo de graça, beleza e fartura. Veja-se a imagem grega da deusa da prosperidade, que tem uma cornucópia que fica o tempo todo jogando riqueza sobre o mundo...

Noutras tradições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas, a referência é de uma provedora maternal. Não tem nada a ver com a figura masculina ou do pai. Todas as vezes que a imagem do pai rompe nessa paisagem é sempre para depredar, detonar e dominar.

O desconforto que a ciência moderna, as tecnologias, as movimentações que resultaram naquilo que chamamos de "revoluções de massa", tudo isso não ficou localizado numa região, mas cindiu o planeta a ponto de, no século XX, termos situações como a Guerra Fria, em que você tinha, de um lado do muro, uma parte da humanidade, e outra, do lado de lá, na

maior tensão, pronta para puxar o gatilho para cima dos outros.

Não tem fim do mundo mais iminente do que quando você tem um mundo do lado de cá do muro e outro do lado de lá, ambos tentando adivinhar o que o outro está fazendo. Isso é um abismo. Isso é uma queda. Então a pergunta a fazer seria: "Por que tanto medo assim de uma queda, se a gente não fez nada nas outras eras senão cair?"

Já caímos em diferentes escalas em diferentes lugares do mundo. Mas temos muito medo do que vai acontecer quando a gente cair. Sentimos insegurança, uma paranoia da queda, porque as outras possibilidades que se abrem exigem implodir essa casa que herdamos, que confortavelmente carregamos em grande estilo, mas passamos o tempo inteiro morrendo de medo.

Então, talvez o que a gente tenha que fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo que realmente gostamos é de gozar, viver no prazer aqui na Terra.

Então, que a gente pare de despistar essa nossa vocação e, em vez de ficar inventando outras parábolas, que a gente se renda a essa principal e não se deixe iludir com o aparato da técnica. Na verdade, a ciência inteira vive subjugada por essa coisa que é a técnica.



**Ailton Krenak** - Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras. 2019.



# MARADONA: UMA METÁFORA DA CONDIÇÃO HUMANA

Leonardo Boff



Foto: divulgação

Que é o ser humano? Por mais que todas as ciências tentem definir o ser humano, este continua sendo sempre uma questão aberta. Santo Agostinho (354-430), que durante a vida inteira se preocupava desesperadamente por encontrar uma resposta sobre que é o ser humano, terminou dizendo apenas: "*factus sum quaestio magna*": "tornei-me para mim mesmo uma grande questão". E se calou.

Às vezes não são as ciências nem as religiões que nos fornecem a melhor imagem (ao invés de uma definição), mas os literatos. A melhor fórmula para mim, encontrei-a em Antoine de Saint Exupéry, o autor de O Pequeno Príncipe, em seu romance A Cidadela. Aí ele entende o ser humano como "um noeud de relations", "*um nó de relações voltado em todas as direções*". Vai além da sexta tese de Marx sobre Feuerbach ao definir "essência humana é o conjunto de suas relações sociais".

Essa visão é redutivista. O ser humano é o conjunto de suas relações totais e em todas as direções, e não só sociais. Faz sentido também ainda dizer que ele "é um projeto infinito sempre em busca de seu objeto adequado, nunca encontrável no âmbito em que vive", o que o leva a transcender este mundo.

À parte desta busca sem fim, cabe seguramente dizer que ele é um ser complexo e a conjunção de duas dimensões que sempre ocorrem nele conjuntamente: o positivo e o negativo, o luminoso e o obscuro, o inteligente (*sapiens*) e o demente (*demens*), a pulsão de vida (*eros*) e a pulsão de morte (*thánatos*), o utópico e o histórico, a realização e a frustração, a derrota e a vitória, a gentileza e a boçalidade, a cordialidade e a rudeza, o poético e o prosaico, o dia-bólico (que divide) e o sim-bólico (que une), o equilíbrio e o excesso, o caos e o cosmos.

Esta dualidade não é um defeito de criação. É a condição humana real.

Esta mesma estrutura se encontra no cosmos (ordem e desordem) e em cada ser vivo e inerte (autônomo e integrado). Temos a ver com uma constante universal.

Desafio para cada ser humano não é negar uma das partes, o que seria impossível e ela voltaria furiosa, mas como integrar esta dualidade, encontrar um justo equilíbrio dinâmico, sempre por fazer, de forma que possa construir sua identidade, seu projeto de vida e buscar a felicidade possível aos filhos e filhas de Adão e de Eva.

Ocorre, entretanto, que existe o trágico na vida humana, tão plasticamente representado pelos teatros gregos. O excesso, o demencial e o dia-bólico (o que cinde) pode tomar conta da pessoa, inundar-lhe a consciência e fazê-la escrava da dimensão do obscuro.

O arquétipo do herói/heroína nos pode ajudar a entender esse drama. Não o herói/heroína convencional das sagas de guerra e das novelas. Mas no sentido da moderna psicanálise. Cada

pessoa pode ser herói/heroína na forma como trabalha esta dualidade, consegue integrá-la, e realizar seu processo de individuação. Há vários tipos de heróis/heroínas: o resistente, o peregrino, o lutador, o mártir e outros.

Escrevo tudo isso a propósito da figura do genial jogador argentino de futebol Diego Maradona. Vê-lo em campo era um espetáculo por si só. Driblava com uma inteligência sumamente criativa; um sentido único de oportunidade.

Pequeno, 1,65 de altura, robusto e com uma velocidade inacreditável. Toda comparação é odiosa, pois cada um é um e irrepetível. Mas Maradona excede sobre qualquer jogador ainda em atividade. Será uma referência mundial imarcescível.

Mas eis que irrompeu a tragédia: foi tomado pela dependência química da qual nunca se libertou totalmente. Era tão humano que não escondia sua dependência. "Sabe que jogador eu teria sido se não tivesse usado drogas?" se perguntava com humor. "Tenho 53 anos, mas é como se tivesse 78. Minha vida não foi normal, digamos. 53 anos? Eu vivi 80". Morreu aos 60 anos. Ele foi um herói resistente (del aguante) traído pelo lado do obscuro e do excesso.

Vale recordar: jogava com os pés agilíssimos e com a cabeça que marcava gols notáveis. Mas sua cabeça também pensava e definia em que lado se colocava no espectro social: do lado dos oprimidos, simbolizados por Fidel Castro e por Lula. E o anunciava publicamente.

O povo argentino, tão sofrido por problemas internos políticos, o elevou ao mais alto ponto da exaltação a ponto de penetrar no espaço do Numinoso e chama-lo de "deus". Faltavam-lhe palavras para admirar o seu "Pibe" "o divino infante". Há que se entender corretamente tal exaltação que ocorre sempre quando o entusiasmo supera todos os limites e encontra nas palavras do Numinoso sua melhor expressão.

Uno-me ao encantamento de sua arte e solidarizo-me a tantos do povo argentino em lágrimas, que com Maradona ganhavam a força de superar dificuldades e manter a alegria de viver. Uniu em si o humano e o *inhumano*, como nos recorda Nietzsche, pois ambos, o humano e o excessivamente humano, pertencem ao humano: luminoso e obscuro, heroico, mesmo vencido.



**Leonardo Boff** - Ecólogo.  
Filósofo.



# DE LILITH E LOUCA, TODA MULHER TEM UM POUCO

Nara Vilas Boas Bueno Marques e Lopes

É impossível ignorar as nódoas que ainda persistem em relação ao sexo feminino. Por centenas de anos, as mulheres carregam o fardo – desde a concepção genésica, com a criação de Eva a partir da costela curva de Adão – de serem maculadas, condenáveis, invisíveis, silenciadas de uma maneira contínua. Foi construída uma antipatia crônica pelas mulheres, verdadeira aversão que, convenientemente, se reproduz através dos séculos, até os dias atuais, de uma maneira cruel.

À naturalização de repugnância mórbida às mulheres é dado o nome de misoginia, e esta possui implicações profundas. A origem da misoginia, igualmente, possui passado distante, resultando de complexos fatores culturais, sociais, econômicos e políticos que convergiram de um só vértice: a melindrosa existência da mulher e as relações de poder entre os gêneros, submetidas à pressuposta e contínua superioridade dos homens.

Para explicar esse fenômeno, trago Lilith, tida como a personificação da lascívia. As descrições de Lilith atravessaram os séculos: há escritos e lendas desde três milênios antes de Cristo, bem como do século I – como o Talmud – em amuletos do século VI, como também em livros do século XIII, que se ocupam em informar homens desavisados sobre seus poderes e perigos. Em geral, Lilith é o demônio feminino da noite com “aspecto feminino, mas também tem asas”, desde 3000 antes de Cristo, Lilith era uma “tempestade destruidora ou espírito do vento”. Referida em culturas antigas como “uma força contrária, um fator de equilíbrio, um peso contraposto à bondade e masculinidade de Deus, porém de igual grandeza”.

Lilith acaba sendo a definição da própria mulher, um ser tentador do homem, o ser impuro por natureza, aquela que peca e perverte o homem de sua pureza, aquela que inveja as virtudes do homem e, por isso, confabula para as destruir. Lilith, pobre diaba,



acaba sendo a materialização de todas as frustrações e indecorosidades inerentes dos seres humanos.

Por outro lado, tradicionalmente aos homens foram concedidas todas as definições de virtudes e dádivas mais elevadas que pudessem existir na natureza humana: o decoro, o pudor, a decência, a dignidade, a honradez, a higidez mental, o equilíbrio emocional, o raciocínio exímio etc.

O estigma de mulher sedutora enquanto provocadora que leva o homem à perdição perdura até os dias atuais. Lilith é descrita como a encarnação da mulher sedutora e perigosa, que condensa as ameaças comuns ao poderio masculino.

Acontece que, com as estruturas patriarcais bem determinadas e com os papéis das mulheres reduzidos às funções reprodutivas e à vida doméstica, subsiste o questionamento: qual seria o momento em que as mulheres teriam contato e ascendência sobre os homens? Por certo, no momento do sexo. Por isso, justificada nessa constatação a preocupação da religião sempre configurar o sexo e mergulhar em significados morais os prazeres da carne.

Importante destacar que, apesar dessa dominação da narrativa das mulheres (como lascívia e tentadoras da higidez masculina), a condição das mulheres sempre esteve moldada à subserviência. Esse artifício do patriarcado serviu como efetivo silenciador das mulheres. Foi com a lenta e gradativa transição ao capitalismo que as mulheres tiveram seus lugares na sociedade delimitados com mais afinco e crueldade. Essa atribuição de culpa e o escárnio sistematizado às mulheres são muito adequados para erigir a exclusão estrutural destas nas relações de poder, sobretudo no mundo capitalista.

Ao longo dos séculos, as religiões e a cultura patriarcal trataram de tolher e coibir as mulheres de qualquer tentativa de exercer influência sobre as mentes masculinas – inclusive e principalmente no âmbito sexual. Ainda nesse viés, as mulheres foram denominadas bruxas e queimadas nas fogueiras aos milhares, por centenas de anos.

Não à toa, até os dias atuais a mulher ainda é descrita como devoradora, pervertida, possuída e voluptuosa, supostamente por conseguir anular a racionalidade do homem por meio do ato sexual (ou meramente pelo imaginário sexual). Sendo assim, as mulheres continuam sendo descritas e vistas como o diabo encarnado: Lilith, o demônio alado de cabelos compridos.

Ao longo da história da humanidade, a loucura – também atrelada às possessões demoníacas – não por acaso era consideravelmente mais atribuída às mulheres em um claro recorte cultural e político de gênero.

Outro fator que prejudicou muito a condição da mulher, repercutindo nesse atrelamento à loucura, foi que a função da mulher se resumiu a ter filhos, com a modificação para o papel não remunerado exclusivamente reprodutivo. Com essa peculiaridade e com a especificidade de possuir um órgão com o fim exclusivo de reproduzir a força de trabalho.

*As mulheres comumente eram reduzidas a seus úteros, do grego, hystéra. Esse complexo forjava um*

*pensamento comum da Era Medieval: se a mulher não conseguisse ter filhos, ou seja, cumprir sua função precípua no mundo, estaria sujeita “inevitavelmente a um estado de sofrimento, a saber, a histeria.*

Nesse contexto sociocultural desastroso e colaborativo para a consolidação de posição menor às mulheres foi impingido a elas o estado de loucura, devido a seus conhecimentos milenares de medicina botânica atrelados ao papel de resguardar as tradições culturais de sua casa, adorando seus deuses pagãos (decorrência da submissão à vida privada), somados à sua natural condição de mulher, por possuir um útero: todas essas variantes convergiam para serem inatas pecadoras e especialmente suscetíveis à loucura.

Na idade contemporânea, a loucura das mulheres consistia: qualquer menção de oposição às vontades e desmandos de algum patriarca, as mulheres eram internadas em sanatórios. Com isso, houve a internação (institucionalizada) de milhares de mulheres que pretendiam trabalhar, estudar, ter uma vida independente, não queriam ter filhos etc.

Com raízes longínquas – que remontam a tempos e motivos diversos – o discurso de ódio às mulheres sempre serviu para sintetizar e projetar sobre estas qualquer fraqueza carnal e frustração social dos homens.

Calcado no desprezo profundo às mulheres, pelo simples fato de serem mulheres, como também na aversão a quaisquer características femininas, o discurso misógino tem por fim precípua a submissão de mulheres, bem como o extermínio de mulheres, quando manifestado mais extremadamente. O remanescente linguístico e a cultura patriarcal atual continuam a submeter as mulheres à degradação e à subordinação ao homem: o discurso de misoginia nunca esteve tão vivo.

É crítico o atual momento, tanto em âmbito político, cultural e também social, pelo qual a sociedade brasileira está passando, a saber: o crescimento de uma cultura misógina, de desrespeito e desvalorização para com a mulher, na medida em que ideologias político-partidárias conservadoras de extrema direita tomam ainda mais corpo e espaço na sociedade.

Tal involução consiste em um sinal de alerta para que diversas vertentes da sociedade se mobilizem em vigilância a favor da diversidade. As ativistas feministas, ou aqueles que lutam pelo reconhecimento dos direitos da comunidade LGBTQI+ e de outras minorias são as novas bruxas: endemoniadas, vorazes por equidade de direitos e gozo de liberdades civis, endiabradas, sujas, rebeldes.

É necessário conhecimento e consciência para que a robustez do patriarcado e da misoginia seja combatida com veemência e constância, possibilitando, assim, a simples existência das mulheres.



**Nara Vilas Boas Bueno Marques e Lopes** – Escritora, Especialista em Direito Eleitoral, Mestre em Direitos Humanos pela UFG e feminista. Artigo editado por Reinaldo Bueno Filho



**Dias 19 e 20 de setembro de 2021**  
o mundo vai celebrar **PAULO FREIRE**  
em Recife. **Participe!**

**100°**

**ANIVERSÁRIO PAULO FREIRE**  
1921-2021

**Dia 19 de setembro: PRAÇA DO CARMO**  
**20 de setembro: UFPE**

No centenário do nascimento de Paulo Freire, o mundo se reúne no Brasil para recordar e manter vivo o legado do professor Freire. Acesse o site e acompanhe os eventos comemorativos programados até o dia 20 de setembro de 2021.

[fnpe.org.br/centenariopaulofreire](http://fnpe.org.br/centenariopaulofreire)  
**#paulofreire100**

REALIZAÇÃO





## **XAPURI**

### **CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

*VENI COM A GENTE!*

**REVISTA  
IMPRESSA**

**ANUAL**

R\$ **210**,00  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL**

R\$ **270**,00  
24 EDIÇÕES

**ASSINE JÁ!**

[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)

